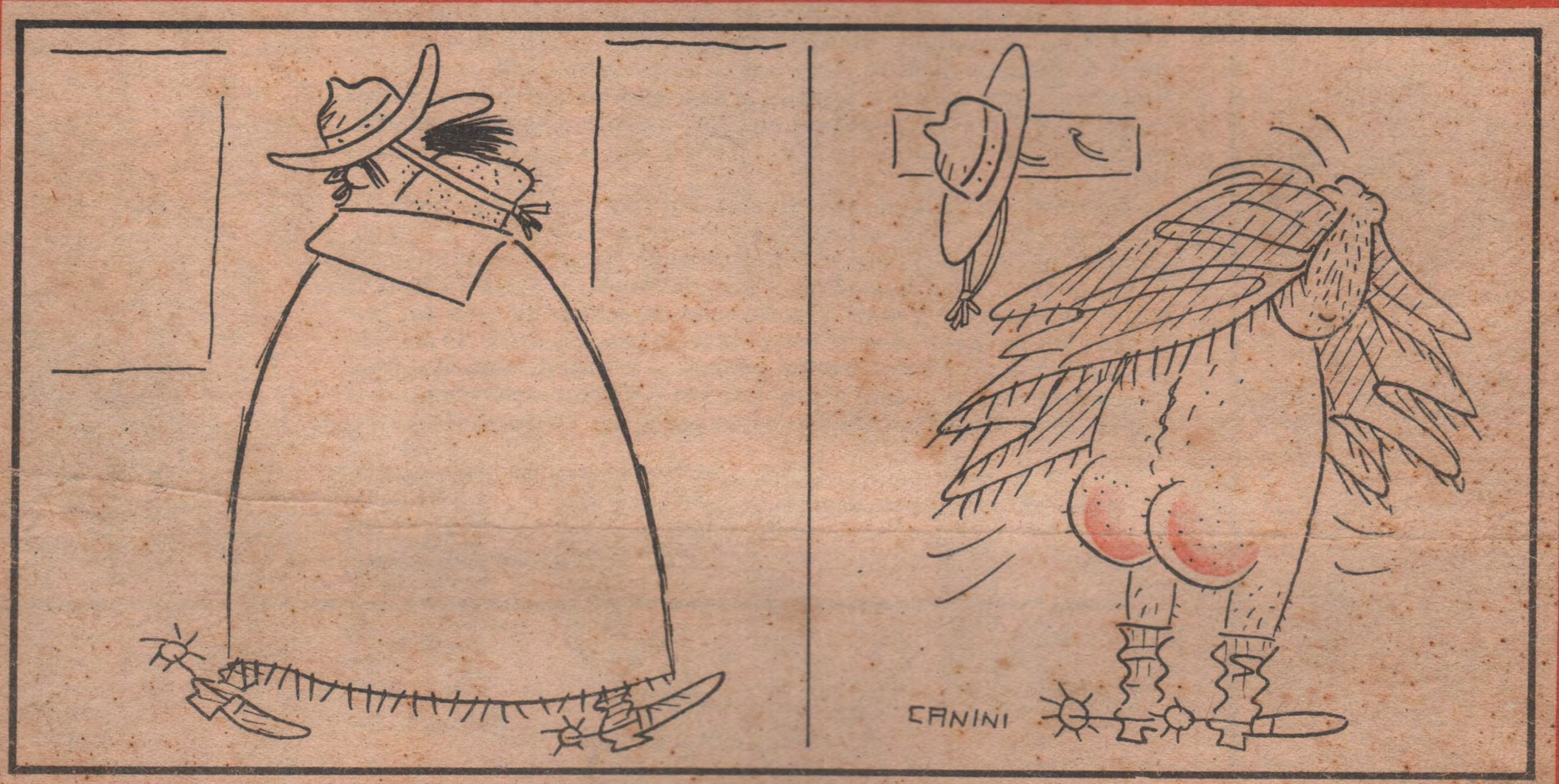
Ano IV — Cr$ 15,00

Dezembro de 1978

Edição Especial COOJORNAL

HUMOR 'AS PAMPAS



A OUTRA FACE DO GAÚCHO

- ZIRALDO
- JAGUAR
- SAMPAULO
- SANTIAGO
- ITARARÉ
- VERÍSSIMO
- VASQUES
- CHICO CARUSO
- CANINI

O POVO TÁ RINDO DE QUÊ?

32 páginas de cartuns, causos e piadas.

coojornal

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira Cooperativa, de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 310 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembléia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembléia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 15 outras publicações que faz para terceiros.

Participaram desta edição:
Editoria: Sérgio Batsow, Elmar Bones, Fraga e Edgar Vasques
Diagramação: Lilian Ben David
Arte: Juvenal e Ferré
Reportagem e pesquisa: Angélica de Moraes, Paulo Pereira e Euclides Tôrres
Fotografia: Pedro Flôres
Cartum e texto: Luis Fernando Veríssimo, Tarso Riccordi, Jaguar, Ziraldo, Chico Caruso, Canini, Uberti, Schröder, Juska, Alf, Santiago, Hartur, Jaca, Beto Silveira, Corvo, Ferré, Batsow, Bendatti, Edgar Vasques, Edson, Wilmarx, Ronaldo, Sosa e Magno
Participação especial: Sampaulo

Industrial
Francisco Alba (**coordenador**), Lindomar da Silva, Sílvia Berni, Edison Ubiratan Trindade, Maria de L. B. Lima (**revisão**), Carlos Milton Rios (**produção**), Júlio Ferrari, Atil Vineton, (**fotolito**), Paulo Sá, Ivan Carlos Franco, Hélio Pinho, Júlio César Martins (**fotocomposição**), Luiz Augusto de Oliveira, Luiz Gustavo Machado, Léo Roberto dos Santos (**montagem**).

Administração
Eládio Vieira da Cunha

Comercial
Enio Lindenbaum, Francisco Cleber Bressani

Circulação e Assinaturas
Renan Carvalho Rodrigues (**coordenador**), Suzi de Ávila Bérni e Gilberto Tauriho.

Números atrasados
A venda somente a partir da edição nº 13. Custo de cada exemplar: preço da última edição na banca. Pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor, em cheque ou vale postal em nome de COOJORNAL

Endereço
Rua Comendador Coruja, 372
CEP 90.000 — Porto Alegre — RS
Fones 218984 e 240951 — Telex (051) 1605
Registro nº 33170/Livro A 1
Impressão: Diário de Notícias
COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.
ASSOCIADOS: José Antônio Vieira da Cunha (**Presidente**), Tomás Pereira (**Vice-Presidente**), Rosvita Saueressig (**Secretária**), Affonso Ritter, João Souza, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Pedro Maciel, Baru Derquin, Jorge Gallina, José Emanuel de Mattos, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow (**Conselheiros de Administração**), Antônio Oliveira, Agnese Schiffino, Danilo Ucha, Hermelindo Macedo, Luiz Vitello e Regina Vasques (**Conselheiros Fiscais**), Assis Hoffmann, Elmar Bones, Hélio Gama, João Aveline, Luiz Carlos Merten, Carlos Bastos, Jorge Olavo Leite, Guaraci Fraga, Luiz Cláudio Cunha e Paulo Burd (**Conselheiros de Edição**), Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas, Ângela Beatriz Riccordi, Antônio Britto, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace, Cláudio Barcelos, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Edgar Vasques, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ybarra, Imara Stallbaum, Jandira César, José Antônio Ribeiro, José Félix Valente, Julieta Pereira, Leo Tavejnhansky, Licinio de Azevedo, Luiz Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodtke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccordi, Paulo Gerson de Oliveira, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Clóvis Malta, Omar de Barros Fº, João Carlos F. da Silva, Lenora Vargas, Leoniel Streliaev, Divino Fonseca, João B. Scalco, Eva Caparelli, Maristela Bairros, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klintowitz, Silvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antônio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Gomercindo Coutinho, Carlos Salzano, Laila Pinheiro, Marinória Schilling, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlberg, Jussara Pereira Coelho, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Maria Inês Burger, José A. Pinheiro Machado, Olívio Lamas, Sílvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Toniello, José Abu-Jamra, Sérgio Becker, Francisco Dias Lopes, Lilian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Mafalda, Carlos Karnas, Valdir Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otília Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Aldá Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Faillace, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Figueredo, Iaraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Arteche, Neusa Ribeiro, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rubenich, Citina Leal, Leonardo Dourado, Edson Gomes Chaves, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Verlaine Silveira, Adroaldo Correa, Vera Daisy Barcelos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andreatta, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladimir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Moura, Paulo Fogaça, Severino Goes, Fernando Guedes, Neltair Abreu, Maria da Graça Silva, Walmaro Paz, Milton Fernando Wels, Maria Helena Brancher, Maria Luisa Teixeira, Júlio Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najar Tubino, Marise Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizzi, Carlos Dorneles, Ricardo Schimitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Francisco Daniel Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Costa, Juarez Fonseca, Maria Eloir da Silveira, Renato Kern, Vera Kern, Valmório Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higino Barros, José Enedir Francisco, José Roberto Garcez, Valdir da Silva, Cândido Cruz, Luiz Carlos Felizardo, Francisco Juska, Carlos Rafael Guimaraens Fº, Carlos Frederico Menz, Eduardo San Martin, Ilza Girardi, Eugênio Neves, Carlos Eduardo Athanazio, Renato Canini, Wilmar Marques, Acari Amorim, Waldoar Teixeira, José A. Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Ennio Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimaraens, Alberto Filgueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling, Fernando Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Silvio Correa, Luis Carlos Ferreira, Anibal Bendatti, Arthur Oliveira Fº, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Simch, Olides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Ruschel, Luis Fernando Verissimo, José Luiz Prévidi, Maria Elaine Borges, Eduardo Bueno, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Toralles, Luiz Lanzetta, Alice Urbim, Ana Maria Barros, Lotário Neuberger, Ubirajara Silva Prate, Antônio Canabarro Trois, Bernadete Viana, Eloisa Beatriz Enck, Carlos Alexandre Castro, Cristina Baptista Pereira, Jane Peters, José Ribeiro Fontes, Mário Nascimento, Paulo Antônio Barros, Riomar Trindade, Rômulo Krafta, Vera Maria Bosak, Patrício Davila Bentes, Raul Quevedo, Ricardo Bolsoni, Mirta Vieira Coelho, Juvenal da Luz Neto, Juan Carlos Gómez, Luiz Recena Grassi, Ariosto Paz Teixeira, Ayrton Centeno, Celso Schroeder, Milton Ribeiro da Silva, José Antônio Severo, Lucila Camargo, Paolo Marconi, Armênio Abascal, Maurecy Santos, Hélcio Ferreira, Luis Humberto, Valter Firmo, Manuel Joaquim Martins, Jorge Meditsch, Pedro Flores e Zeka Araújo.

Associado à AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Caro leitor

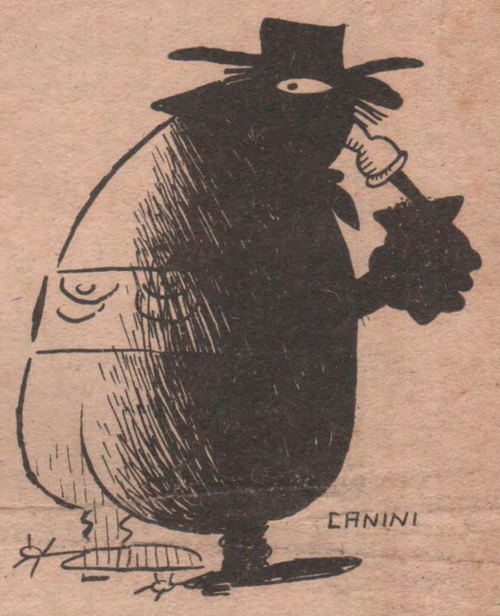
Não existe um humor "tipicamente" gaúcho. Se afirmamos que existe é em autodefesa, pois durante muito tempo ninguém acreditou que existia humor gaúcho de espécie alguma, típico ou não. O gaúcho estereotipado era um grosso que respondia à piada com cara feia, quando não com a ameaça de puxar o facão, e só era engraçado inconscientemente. Nos outros estereótipos regionais nunca faltava um traço de humor: na matreirice do caipira paulista, na malandragem carioca, na esperteza mineira, na resignação nordestina. Só o gaúcho era gozado e nunca gozava. Faltava ao gaúcho, principalmente, a capacidade de rir de si mesmo, que é a primeira condição para fazer humor.

Esta idéia acabou, por muitas razões. Primeiro, porque todos os estereótipos regionais estão acabando num País que, apesar de tudo, se integra e se conhece melhor. E também porque era uma idéia tão errada que não poderia sobreviver por muito tempo. Não vamos nem lembrar que o Barão de Itararé, o pai do moderno humorismo brasileiro, ou pelo menos o nosso primeiro humorista profissional de expediente inteiro, era gaúcho. Bastava prestar um pouco mais de atenção na cultura popular gaúcha para descobrir que muitas vezes ela era engraçada por gosto, e que até no nosso machismo exacerbado havia um toque de paródia. Nos nossos ditos folclóricos há, não raro, uma mordaz percepção de ridículo humano. E nos seus desafios nossos melhores repentistas se revelam polemistas inspirados e agudos, mesmo que seja polêmica com sanfona. O humor, afinal, também é a arte do insulto bem feito.

A cultura urbana gaúcha igualmente tem uma longa tradição humorística. Nossa imprensa teve, proporcionalmente, até mais humoristas do que a carioca. Hoje, nossos cartunistas se igualam — em quantidade e qualidade — ao que existe no resto do País. O que é típico neles? Talvez só a decisão de acabar de uma vez por todas com antigas idéias sobre a falta de graça gaúcha. O alvo de grande parte do humor destas páginas é o próprio gaúcho. Mas quase sempre o que está sendo gozado é o velho estereótipo. E o que está sendo reafirmado é que sabemos, sim, rir de nós mesmos. E fazer rir.

Se depois ainda vierem com aquela história de grossura, aí sim a gente limpa a bosta da espora e pega o facão.

Luís Fernando Veríssimo





INÉDITO
EXCLUSIVO
FURO

PELOS DIREITOS HUMANOS DOS CAVALOS

*Direitos reservados

Dia 10 de maio de 1977. Ao som do Hino da Cavalaria executado pelos clarins do Regimento Bento Gonçalves, era afastado da vida pública o cavalo Jaguarão Silva, que tentava arregimentar adeptos para a formação do PBB (Partido dos Bichos Brasileiros). O líder Jaguarão foi confinado a uma baia comum do Regimento, em Porto Alegre, onde encontra-se até hoje, incomunicável. Sua história é completamente desconhecida do grande público. Jornais da capital gaúcha, na época, divulgaram em grandes manchetes apenas a versão da Brigada Militar. Eis o que diz o Boletim Especial da Brigada:

"A BM, através do Regimento Bento Gonçalves, decide reformar o cavalo Jaguarão, mais para preservar a imagem de animal invencível que ostentou títulos sucessivos na arte do salto durante quase 9 anos nos campos hípicos do País e do Exterior. A BM garante ao cavalo-símbolo da milícia gaúcha o direito à estabulação, forragem e cuidado médico veterinário enquanto viver".

Nesta reportagem exclusiva, Jaguarão Silva apresenta a sua versão e denuncia um oficial da BM. "Ele traiu a causa dos animais". O oficial era assessor político de Jaguarão.

— Ele entregou ao alto comando a minha edição da *Revolução dos Bichos*, um disco dos Saltimbancos e uma lista de correligionários nossos.

Repórter: Prazer, seu Jaguarão...

Jaguarão: Boa noite. Chegue para cá, a baia é grande...

Repórter: Mas, disseram que o senhor morde.

Jaguarão: Intriga dos homens. São coisas inventadas pelo alto comando para denegrir minha imagem de líder. Antes de mais nada, quero esclarecer um boato que anda circulando por aí. Não sou símbolo sexual. Como o senhor pode ver, eu sou castrado...

Repórter: O major Porto nos falou de seus resquícios de sexualidade. De casos seus com algumas éguas. E o seu tratador contou que certa vez o senhor se tomou de simpatias por um pônei...

Jaguarão: Sei, sei. Já insinuaram, inclusive, que eu mantenho relações com soldados. Mas isto já é uma questão histórica...

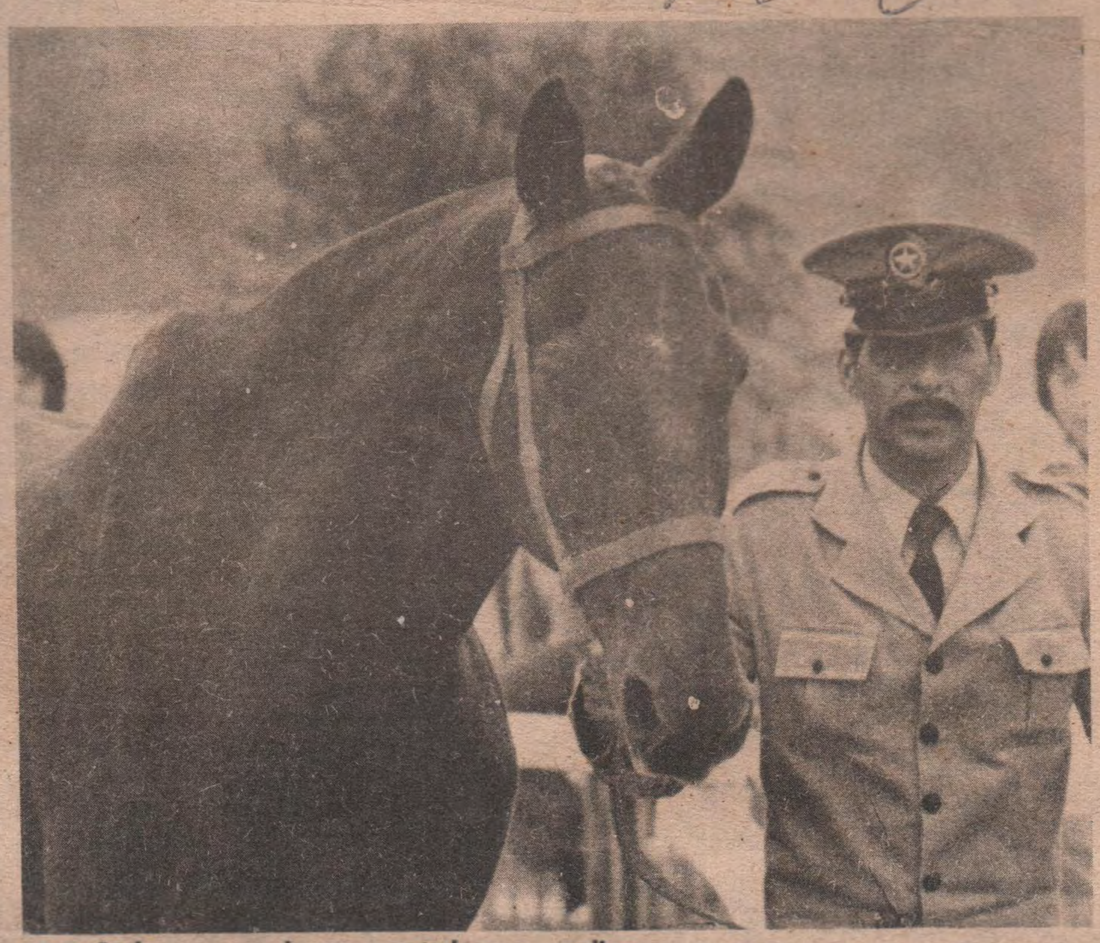
Repórter: Como assim?

Jaguarão: Não estranho a sua desinformação. Acontece que o gaúcho sempre teve uma relação mais íntima com o cavalo mas a história dos homens não conta isto. Eu vou escrever a verdadeira história dos cavalos gaúchos.

Repórter: E o PBB?

Jaguarão Silva: O PBB é um partido surgido no século passado, em plena Revolução Farroupilha, através de um ancestral meu, Farrapo Silva. Naquela época se acreditava que um pacto com os homens traria aos animais a sua verdadeira valorização dentro da sociedade brasileira. Era uma teoria do Farrapo, que manteve várias conversações com o general Bento Gonçalves. Até a minha *aposentadoria* eu acreditava nisso. Eu, inclusive, cheguei a apoiar publicamente a dona Palmira Gobbi a protetora dos animais. Mas agora chega! Basta de populismo. Nesses meus tempos de prisão — que cinicamente chamam de aposentadoria — tenho refletido muito sobre o assunto. O senhor pode botar aí no seu jornal um recado para a dona Palmira: "Os cavalos não querem chapéus para se proteger do sol ou da chuva. Não queremos versos dos poetas. Queremos, isto sim, a legalização do nosso partido. E o direito ao voto para todos os animais. Nós sabemos o que nos serve ou não".

Repórter: Qual é o respaldo popular do PBB?



Jaguarão homenageado e aposentado com regalias...

Jaguarão: Temos encontrado algumas dificuldades — especialmente agora, com minha prisão — para conscientizar os cachorros, principalmente esses pequineses...

Repórter: Pelegos?

Jaguarão: ... esses estão sendo completamente dominados pelas madames. Recordo-me bem de um caso com ex-militante do partido, o Totó Andrade. Ele rompeu com o PBB, dizendo que sua dona compreendia até seus latidos e que ele acreditava na lealdade entre os homens e os animais. Um mês depois, a mulher se separou do marido. Me informaram que Totó Andrade está amasiado com a dona. Abandonou a causa por uma mulher! Também temos sofrido pressões daquele assessor político do general Figueiredo, o *Eustáquio Potranca* de Macedo. O *Potranca* distribuiu uns panfletos em favor da conciliação nacional. Ele crê que o general Figueiredo vai resolver o problema dos animais brasileiros. Os panfletos circularam em todo o país, junto com uma foto do general, outra do Eustáquio, e a frase do general "Prefiro o cheiro dos cavalos".

Repórter: Por que o senhor comeu a coroa de cenouras na cerimônia da aposentadoria?

Jaguarão: O senhor sabe? Eu recebi inúmeras congratulações pelo meu gesto. Foi um gesto político, que só mesmo os reais admiradores da causa animal compreenderão. Esta idéia de aposentadoria para os animais estava ganhando força entre os militares. Aqui no Regimento mesmo vários companheiros vieram me falar, emocionados, que os homens iam dar aposentadoria para todos. "Assim a gente até vai poder fazer sindicatos", me disseram. Mas isto não passa de mais uma fórmula paternalista, para atrelar os animais. Por isto eu comi a coroa de cenouras. Por sinal, muito gostosas.



...e com destaque na imprensa.

Repórter: O senhor se considera o animal mais indicado para liderar os animais brasileiros? Não seria melhor um leão, por exemplo? Ou um porco, como sugeriu o livro *Revolução dos Bichos?*

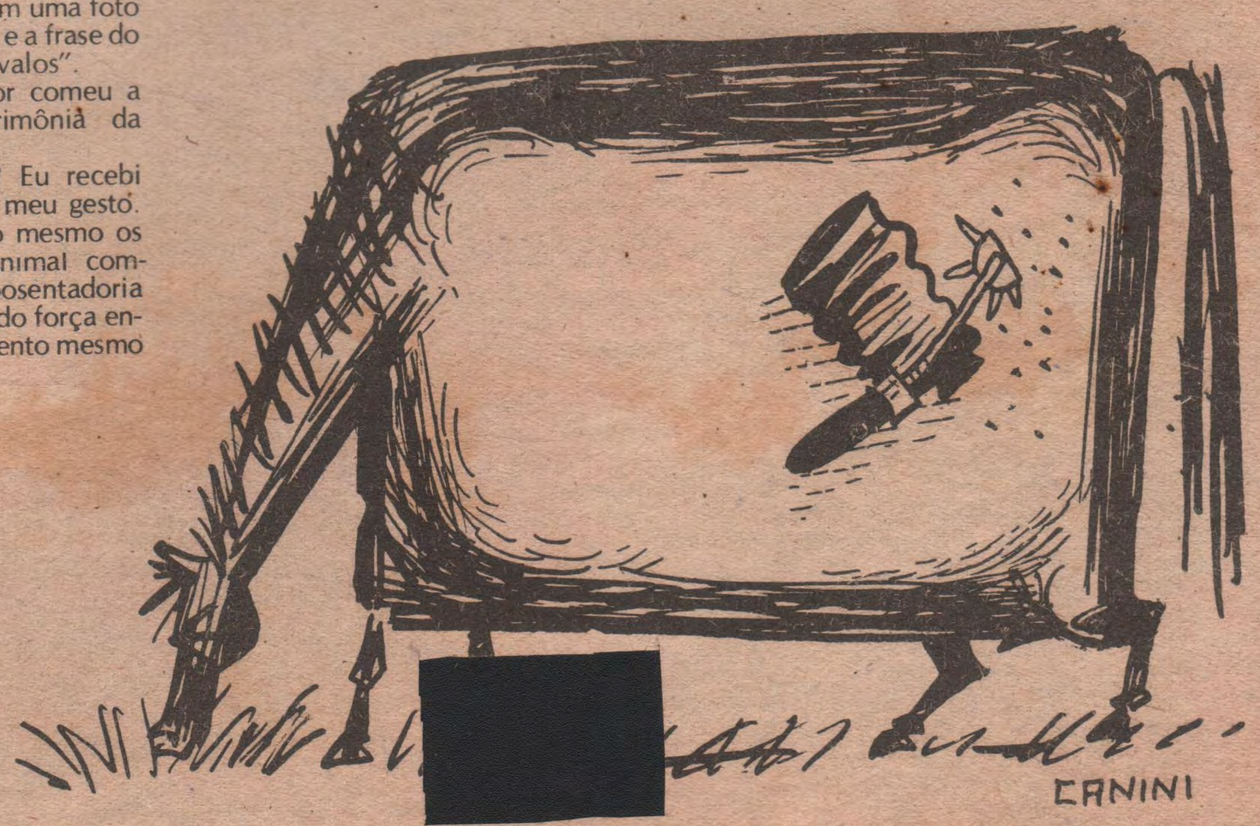
Jaguarão: O leão realmente tem um considerável apreço popular, por causa dessa literatura infantil dos homens. O porco também, particularmente entre os bichos intelectuais. A *Revolução dos Bichos*, aliás, chegou a ser o livro que estabeleceria as diretrizes da nossa revolução. Isto, antes de abolirmos com a idéia de tomada do poder através da força, uma tática sutilmente lançada pelos homens. A luta armada seria o extermínio da raça animal. Eu cansei de dizer, em reuniões do partido, que os macacos não conseguiriam tirotear com os homens. Eu serei o líder. O senhor sabe? Talvez o senhor não compreenda porque o senhor é homem, mas o cavalo tem um... digamos... sexto sentido e compreende melhor as aspirações dos animais. Digo que sou o líder porque tenho estudado com afinco a história dos animais

Repórter: Quais são os planos do PBB?

Jaguarão: Logo que surgir a oportunidade, eu pretendo fugir dessa baia e iniciar uma caminhada pelo país buscando o consenso popular animal. Eu acho que, dentro de pouco tempo, nos encontraremos nas urnas. E apagaremos aquele erro histórico do Incitatus, que aceitou o cargo de cônsul dos romanos.

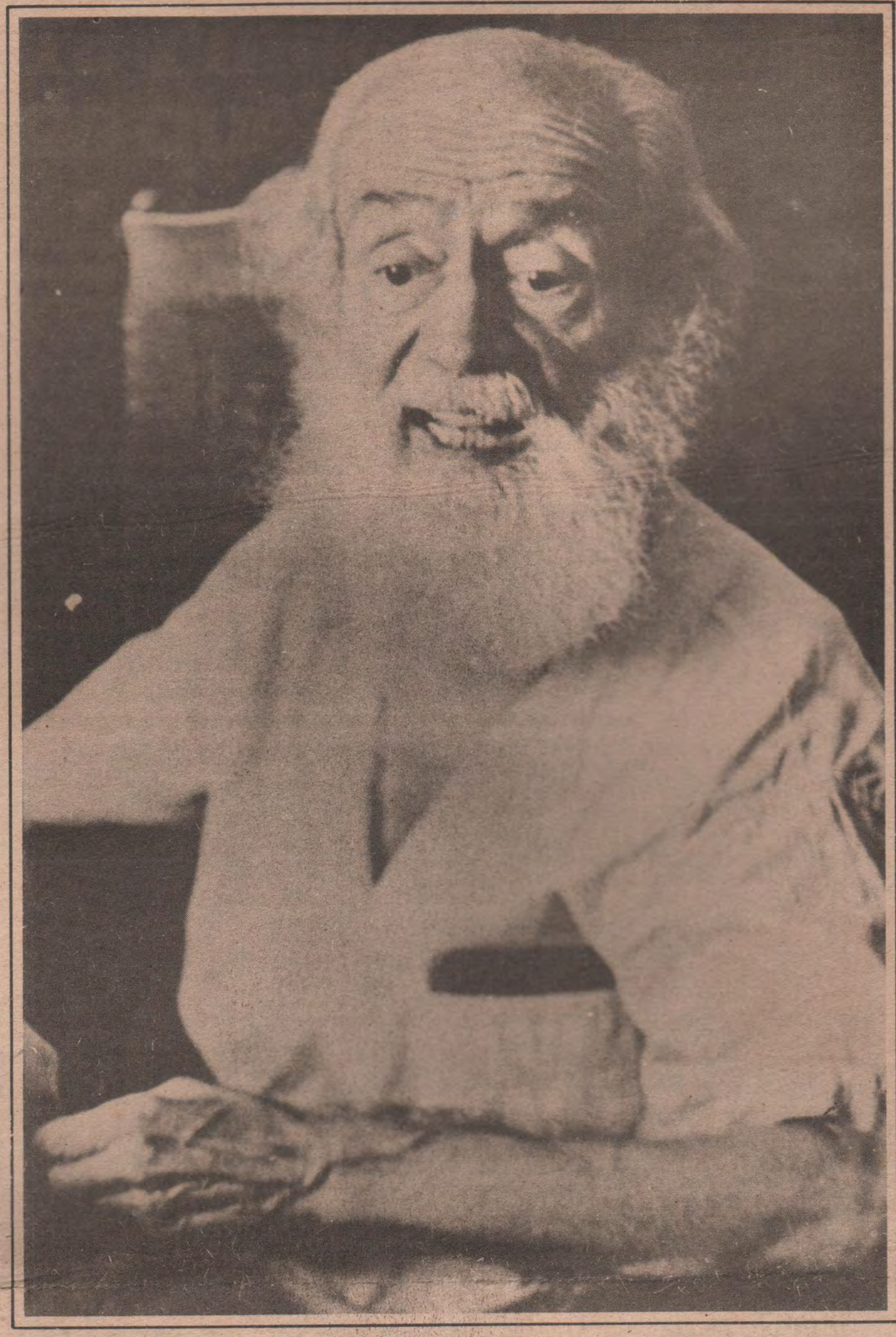
(Nesse momento, o líder Jaguarão Silva deu por encerrada a entrevista. Com seu caminhar ainda altivo mas já cansado pela idade, foi para o canto da baia. Três ratinhos haviam chegado e se curvavam respeitosamente diante do líder. Um era secretário do partido. Os outros dois estavam interessados em saber como era o PBB. Jaguarão levantou a pata direita e bradou: "Viva o Partido dos Bichos Brasileiros!". Em seguida, passou a doutrinar os ratinhos enquanto comia a cenoura que eles tinham trazido.)

Paulo Pereira



Feia que nem nonza de gago.

"O tambor faz um grande barulho, mas é vazio por dentro"



O PAI DE TODOS

O Barão de Itararé — como autointitulou-se o jornalista gaúcho Apparicio Torelly — respondia processo diante do temido Tribunal de Segurança Nacional, inquisição criada por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo. Acusavam-no de ter recebido "ouro de Moscou".

Ouviu pacientemente as arengas do promotor, esperou o julgamento e finalmente foi absolvido por falta de provas. Então pediu a palavra:

— Aproveito a ocasião para fazer uma reclamação contra os Correios. O ouro de Moscou deve ter vindo pelo Correio e até hoje não me foi entregue. Fui vítima de algum funcionário desonesto. Quero que este tribunal registre em seus anais que ainda não recebi o ouro".

A assistência explodiu em gargalhadas, levando ao ridículo a caça às bruxas promovida pela ditadura.

Era assim. Com as armas da ironia e da sátira, Torelly causava danos irreparáveis a todos seus adversários políticos. Algumas de suas frases antológicas foram criadas quando integrava a bancada de 18 representantes do partido Comunista Brasileiro na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, em 1947. Estava iminente um golpe de Estado? Ele contentava sardônico: "Existem mais coisas no ar além dos aviões de carreira!". Frases que, em meio a ferinas sátiras políticas e fotos retocadas (ancestrais da foto-fofoca) formavam o atrativo conteúdo do jornal *A Manha*, fundado por ele em 1926, para cumprir a mais extensa existência de uma publicação humorística no País, apesar das inúmeras interrupções forçadas pela prisão de seu criador.

NETO DE AMERICANO COM ÍNDIA CHARRUA

O Barão exigia que se escrevesse seu nome com todas as letras: Apparício Torelly. Ou, como na certidão, Fernando Apparício de Brinkeroff Torelly. Pseudônimo: Aporelly. E explicava que "o y é indispensável porque é altamente decorativo e artístico. Veja o que aconteceu com Niterói. Depois que lhe tiraram o **c**, o **h** e o **y**, aquela cidade ficou devastada".

Embora alguns de seus biógrafos registrem o nascimento do humorista em São Leopoldo ou Rio Grande, o notável jornalista satírico gaúcho nasceu mesmo no departamento uruguaio de Treinta y Tres, fato que ele próprio admitiu em depoimento a Remy Gorga Filho, em 1969:

— Sou neto de um norte-americano que se casou com uma índia charrua no Uruguai. Desse casamento nasceu minha mãe Maria Amélia, que casou com João da Silva Torelly e veio morar em Rio Grande.

Quando estava para nascer o primeiro filho, Maria Amélia insistiu para ter o parto em sua terra, na fazenda de seus pais, em Treinta y Tres. Essa viagem, na época, era uma aventura arriscada. Além da distância alongada pelos péssimos caminhos, havia restos de rixas pela demarcação de fronteiras. "A meio caminho, uma das rodas da diligência partiu-se e minha mãe levou um susto. E eu vim ver, de curioso, o que estava acontecendo". Era o dia 29 de janeiro de 1895. Sua mãe morreria dois anos depois e Apparício aprenderia primeiro a falar e escrever em espanhol, pois ficara aos cuidados dos avós.

Depois de voltar com o pai para a cidade de Rio Grande, seria enviado ao colégio interno dos jesuítas, em São Leopoldo (hoje Universidade do Vale dos Sinos — Unisinos). Lá fundou seu primeiro jornal, *O Capim Seco*, escrito a mão, redigido, editado e distribuído clandestinamente entre os estudantes pelo próprio Torelly. Na ocasião, seu assunto principal eram os métodos rígidos do diretor do colégio.

Do convívio com os jesuítas e a comunidade alemã de São Leopoldo ele recolheria o sotaque que mais tarde transformaria em saborosos jogos de palavras no *Zubblemend to alle... manha*, seção de seu jornal *A Manha* onde ridicularizava os sonhos imperialistas de Hitler e combatia o fascismo tupiniquim: o integralismo.

Aliás, críticas que lhe valeram uma surra. Foi assim: em 1934, oficiais da marinha ligados ao Movimento Integralistas seqüestraram o Barão e levaram-no até o Alto da Boa Vista, onde lhe bateram muito. Assim que o largaram, Torelly vai ao primeiro telefone e liga para a redação do jornal: "Olha me deram uma surra, rasparam minha cabeça e me deixaram só de cuecas. Mas não tem nada. Vou pegar um táxi e estou lógo aí". Pouco depois chegava o Barão, todo arrebentado. Precavido, pendurou na porta de entrada de *A Manha*: "Entre sem bater".

"A forca é o mais desagradável dos instrumentos de corda"

"DIPLOMA NÃO ENCURTA AS ORELHAS DE NINGUÉM"

Deixando o colégio interno dos jesuítas, Torelly foi para Porto Alegre, estudar Medicina. Iniciava também sua vida política intensa. E era personagem de piadas. No exame oral, o catedrático pega uma tíbia e exibe-a ao futuro Barão: "Conhece este osso?" Segurando com firmeza, Apparício responde de imediato: "Muito prazer".

Para o fato de ter abandonado o curso de Medicina no quarto ano, ele tinha uma curta explicação: "Diploma não encurta as orelhas de ninguém". Discordava do conceito de cura que lhe queriam impingir. E conservou até a morte curiosos métodos de combate à doença. Que, segundo ele, se instalava em um organismo com a finalidade de destruí-lo ou forçá-lo ao repouso. O processo de cura seria encontrar modos de enganar a doença.

Esses conceitos muito particulares de Medicina Torelly teria ocasião de aplicá-los em seu próprio benefício, depois de testar outros não menos curiosos métodos de lazer. Calculou que,para ter férias como os burgueses — que ficavam em média 15 dias nas praias tomando banhos de mar de uma hora diária — ele, Barão, precisaria apenas de um dia, em que ficaria de molho por 15 horas. Cumprida a primeira parte da jornada pela manhã, almoçou bastante e voltou para as ondas. Foi então que teve uma congestão que lhe deixou paralítico.

Hospitalizado, os médicos lhe proibiram o travesseiro. Mas utilizando o expediente de ir empilhando toalhas sob a cabeça de cinco em cinco minutos, conseguiu "enganar a doença" e obter um travesseiro alto. Igual sistema adotaria para coordenar os movimentos do braço: fingindo que o esticava conseguia flexioná-lo. Recuperou a saúde, apesar de ter sido alertado pelos médicos que só teria seis meses de vida.

O BARÃO DA BATALHA QUE NÃO HOUVE

Antes de adoecer e depois de abandonar a faculdade, o Barão já tinha ingressado no jornalismo e empreendido uma série de viagens pelo interior do Rio Grande do Sul, dando concorridas conferências e fundando jornais que eram sucessivamente fechados pelos poderosos locais, atingidos por suas críticas. "Eu vivia maragateando, feliz como um beduíno, abarracando em qualquer lugar", conta ele. Em 1925, já com o único livro (*Pontas de Cigarro* — versos) publicado, vai para o Rio de Janeiro, doente e sem dinheiro. ("Tomei um Ita no Sul"). Apresenta-se a Irineu Marinho que o emprega em *O Globo*. Ficaria pouco tempo, logo passando a trabalhar em *A Manhã*, jornal governista onde escrevia a seção "Amanhã tem mais...".

Já no ano seguinte (1926) deixava *A Manhã* e, parodiando-o, funda o seu "órgão de ataques... de riso": *A Manha*. Empastelada várias vezes pelos políticos atingidos pelo seu humor e apesar de inúmeras interrupções também causadas por dificuldades econômicas ou prisão de seu diretor e proprietário, *A Manha* duraria 32 anos,

"O fígado faz muito mal à bebida"



"Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer"

"O homem que se vende, recebe mais do que vale"



A Manha, **do Barão, ainda hoje com um recorde entre os jornais de humor: durou 32 anos**

façanha jamais alcançada por qualquer outra publicação humorística no Brasil.

Na primeira fase, até 1936, *A Manha* era inteiramente escrita pelo Barão de Itararé. O título de nobreza também surgiu nesse período. Itararé, a batalha que não houve durante a Revolução de 1930, foi o mote de Torelly para gozar a história brasileira, feita de golpes e quarteladas.

Quando o Partido Comunista saiu da clandestinidade em 1945, o Barão de Itararé intensificou sua militância política. Pelas páginas de *A Manha* fez a campanha à Presidência da República do candidado do PC, Yedo Fiúza, que concorreu contra o brigadeiro Eduardo Gomes e o general Gaspar Dutra. Torelly foi candidato do PC à Câmara de Vereadores do Rio, conseguindo eleger-se junto com outros 18 colegas de legenda.

Suas brilhantes e demolidoras críticas, que freqüentemente faziam o plenário inteiro da Câmara cair na gargalhada, não durariam muito. Empossado em março de 1947, o Barão seria cassado em janeiro de 1948. Malinha com objetos pessoais sempre pronta, seguiu ele para a Central de Polícia. Na porta, causa um rebuliço. Quase os policiais o atacam quando o Barão grita: "Viva a Revolução... de 30!". Passou um longo período preso em um navio ao largo da Baía da Guanabara.

Recuperada a liberdade, o incansável Barão voltou a publicar *A Manha*, agora ajudado por uma equipe de jornalistas, entre eles, Rubem Braga, José Lins do Rego, Aurélio Buarque de Hollanda e Pompeu de Souza. E o jornal ressurgiu, retomando batalhas como as pela emancipação nacional, a defesa da paz e a luta sob o slogan *O Petróleo é Nosso*.

DO SUCESSO DA MANHA NASCE O ALMANHAQUE

Irregular na chegada às bancas "porque uma grande folha não pode estar subordinada à folhinha", *A Manha* era muito lida e procurada pelo público. Procura que justificou a criação do *Almanhaque*, que circularia por três anos seguidos. Nessa publicação saía o que de melhor fora escrito no semanário durante o ano. Como as notícias divididas em suplementos dedicados à colônia alemã, italiana ou portuguesa.

Tinha o *Supprimento de Portugali*, que estampou como manchete: "Inconsideraçõens a ruspeito du trevalho de julho D'Antas". Sob o lema "Organo uff da golonia intaliana fasciste de San Baolo", publicava o *Supprimento Intaliano*, cujo direttore era Juó Bananére, apresentado como "poete, barbiere e giurnaliste".

Nos últimos anos (a partir de 1950), *A Manha* passou a ser impressa em São Paulo, custando dois cruzeiros o exemplar de 12 páginas tamanho tablóide. Mas nunca repetiu (e quem o faria?) a façanha de vender 125 mil exemplares diários. Isso ocorreu quando, depois de relutar e impor condições, o Barão aceitou o convite de Assis Chateaubriand para encartar sua *A Manha* no Diário da Noite, órgão oficial da Aliança Liberal.

Depois de fazer a circulação do jornal "do chato Brião" (como o chamava) pular dos 14 mil exemplares para 21 mil, o Barão conseguiu o recorde dos 125 mil. Era 1930 e Getúlio Vargas fizera seu discurso anunciando o programa da Aliança Liberal. Mas o Barão logo voltava aos moldes habituais de trabalhar, separando sua publicação do diário de Chateaubriand.

Convencido por amigos em 1956 a fazer uma edição nacional de *A Manha*, o Barão retornou ao Rio Grande do Sul em busca de anunciantes e para formar uma equipe gaúcha de colaboradores. A edição nacional não saiu. Motivo: a irreverência de Torelly. Resolveu alertar ao primeiro empresário visitado: "O senhor pode pensar que sou vigarista por oferecer-lhe a compra de espaço. Afinal, o senhor não é avião...". Josué Guimarães, João Aveline e Gilda Marinho — a equipe gaúcha — divertiram-se muito com a piada do Barão, que sepultava todos os planos da edição. Afinal, mesmo velhinho, mantinha-se fiel ao que já dissera: "Meu jornal não tem expediente. Um jornal sério não vive de expediente".

"Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados"

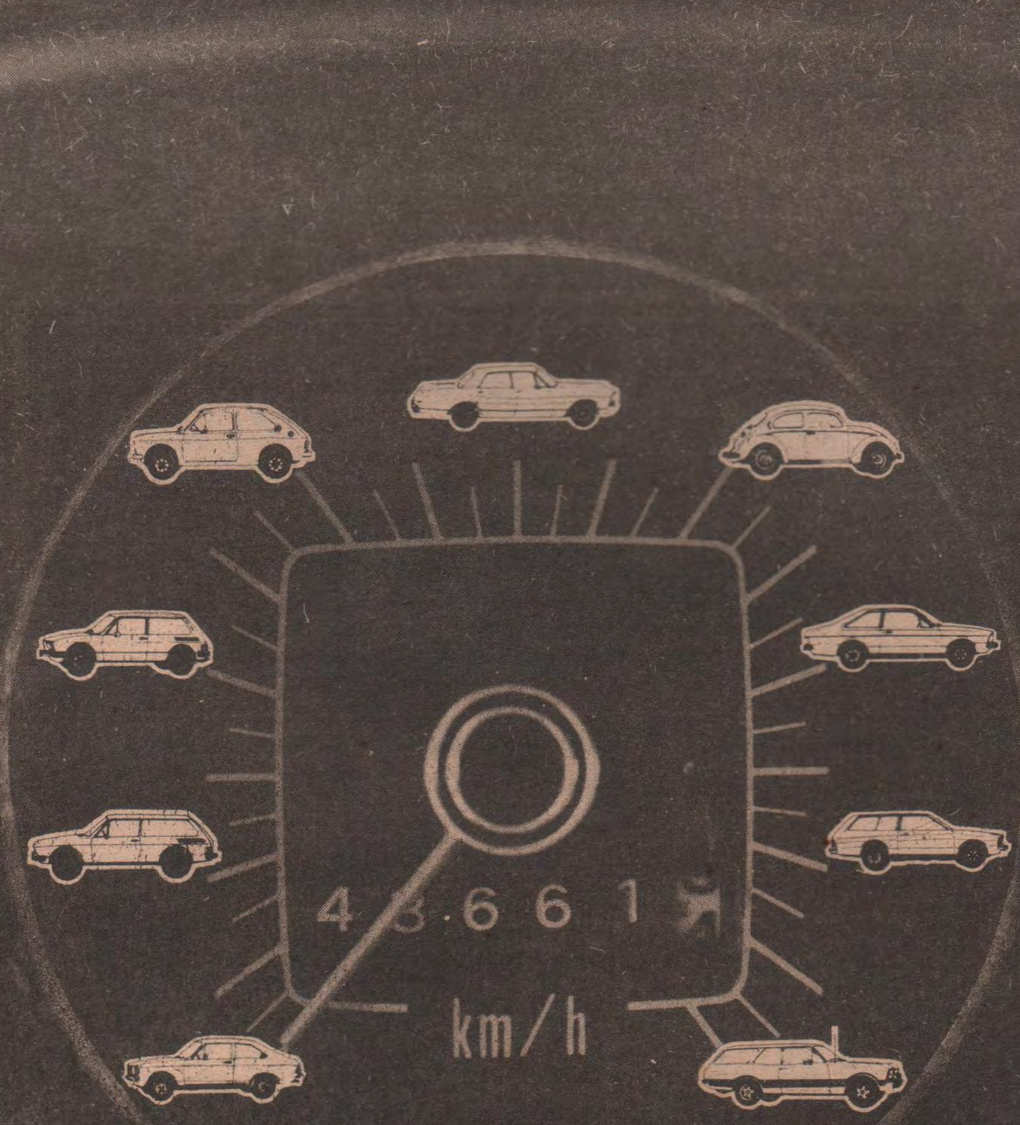
"A DIGNIDADE É A INDEPENDÊNCIA DO HOMEM"

O último número de *A Manha* circulou em junho de 1958. A manchete: "Feola para o Ministério da Fazenda e Alkmin para um Canto do Rio qualquer". Os últimos anos de sua vida, o Barão passaria em um humilde apartamento no Bairro das laranjeiras (Rio), às voltas com sua comida vegetariana e seus estudos científicos e vivendo de uma pequena pensão obtida pela Câmara de Vereadores carioca. Inventor da vacina contra a febre aftosa e (para o Barão não existiam contradições) dedicando muito de seu tempo a estudar horóscopos.

Num depoimento a Nilo Ruschel, em 1969, o Barão de Itararé afirmava: "Tenho uma mesadinha vagabunda mas não aceito nada de ninguém. Posso mostrar documentos comovedores de amigos e até inimigos políticos querendo me auxiliar. Mas não aceito. A dignidade é a independência do homem".

O Barão morreu aos 76 anos — no dia 26 de novembro de 1971 — de coma diabética. Sem experimentar a anistia, que ele definia como "um ato pelo qual os governos resolvem perdoar generosamente as injustiças e os crimes que eles mesmos cometem".

ACELERE SEU FINANCIAMENTO.



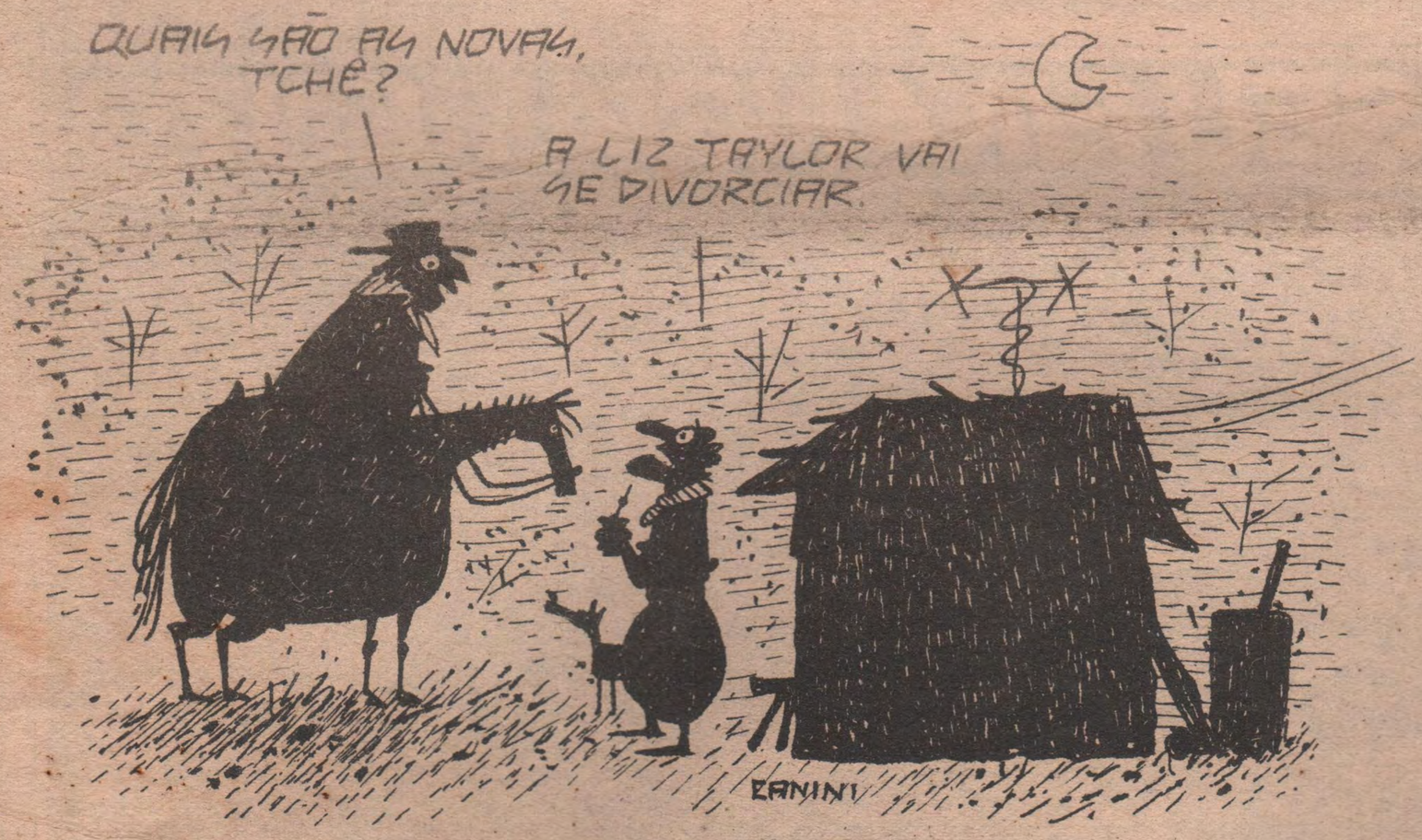
Você chega muito mais rápido ao seu automóvel zero quilômetro utilizando-se das vantagens do Crédito Direto ao Consumidor Maisonnave. As taxas são convenientes e a liberação imediata. Acelere seu financiamento: procure-o junto ao Banco Maisonnave.

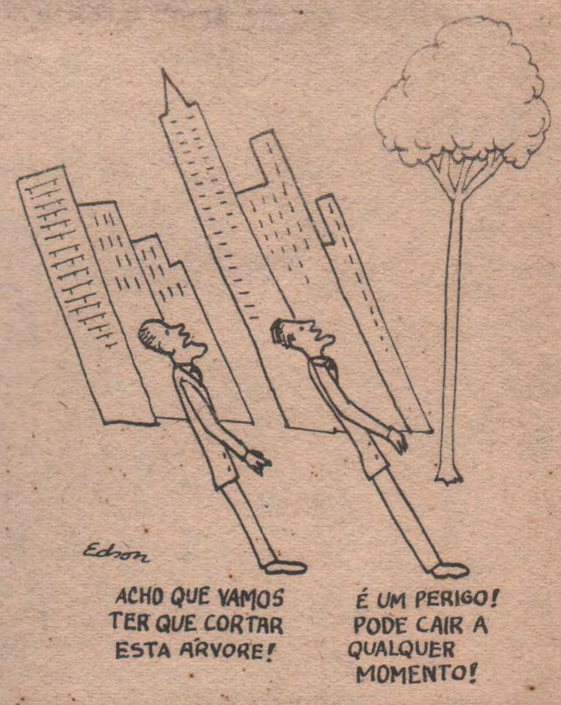
Maisonnave

Porto Alegre (RS): Sete de Setembro, 760 - Fone: 24-3566



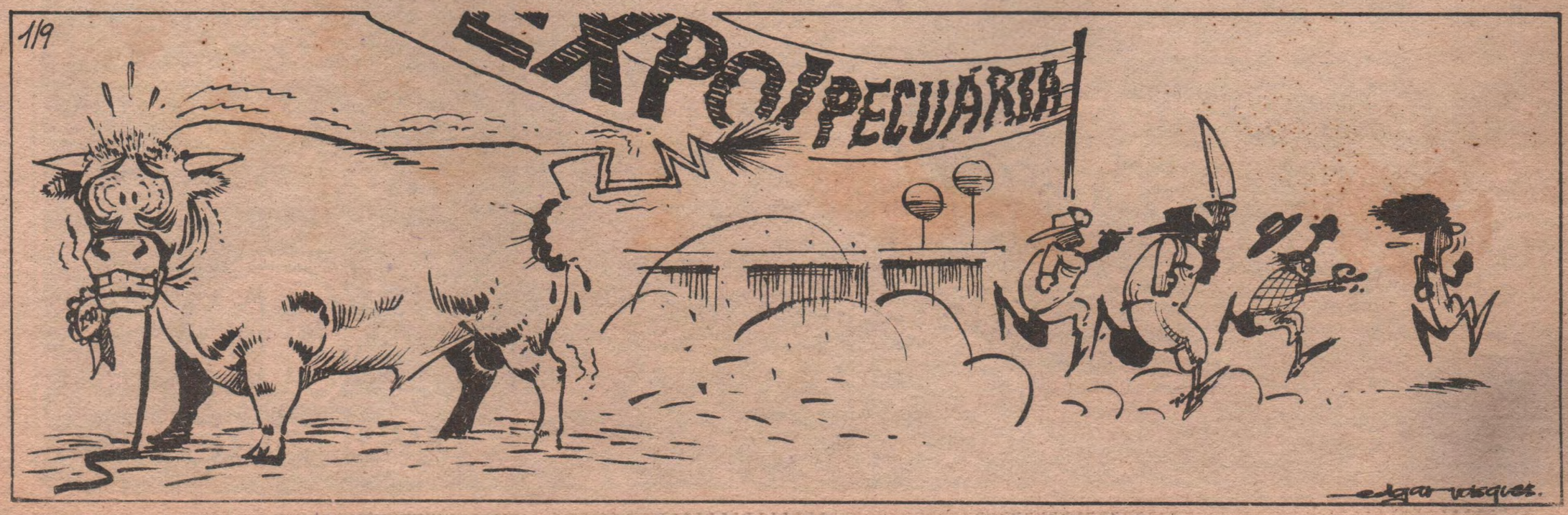






RANGO

EDGAR VASQUES



Quente como noiva de lobo.

Novas Lendas do Sul I

Pues, contam que lá para os lados de Don Pedrito um estancieiro mui rico comprou um Corcel TL com o produto da venda de uns bois contrabandeados do Uruguai. Era um Corcel TL lindo. Reluzia mais que anca de égua castanha em noite de lua cheia. O estancieiro — homem cruel e sem escrúpulos, embora pertencesse à regional do Rotary — chamou um negrinho do galpão para cuidar do Corcel TL. O negrinho tinha que lavar o Corcel TL diariamente, trocar o óleo, passar flanela. Se aparecesse um arranhão no Corcel TL, o negrinho apanhava de vara.

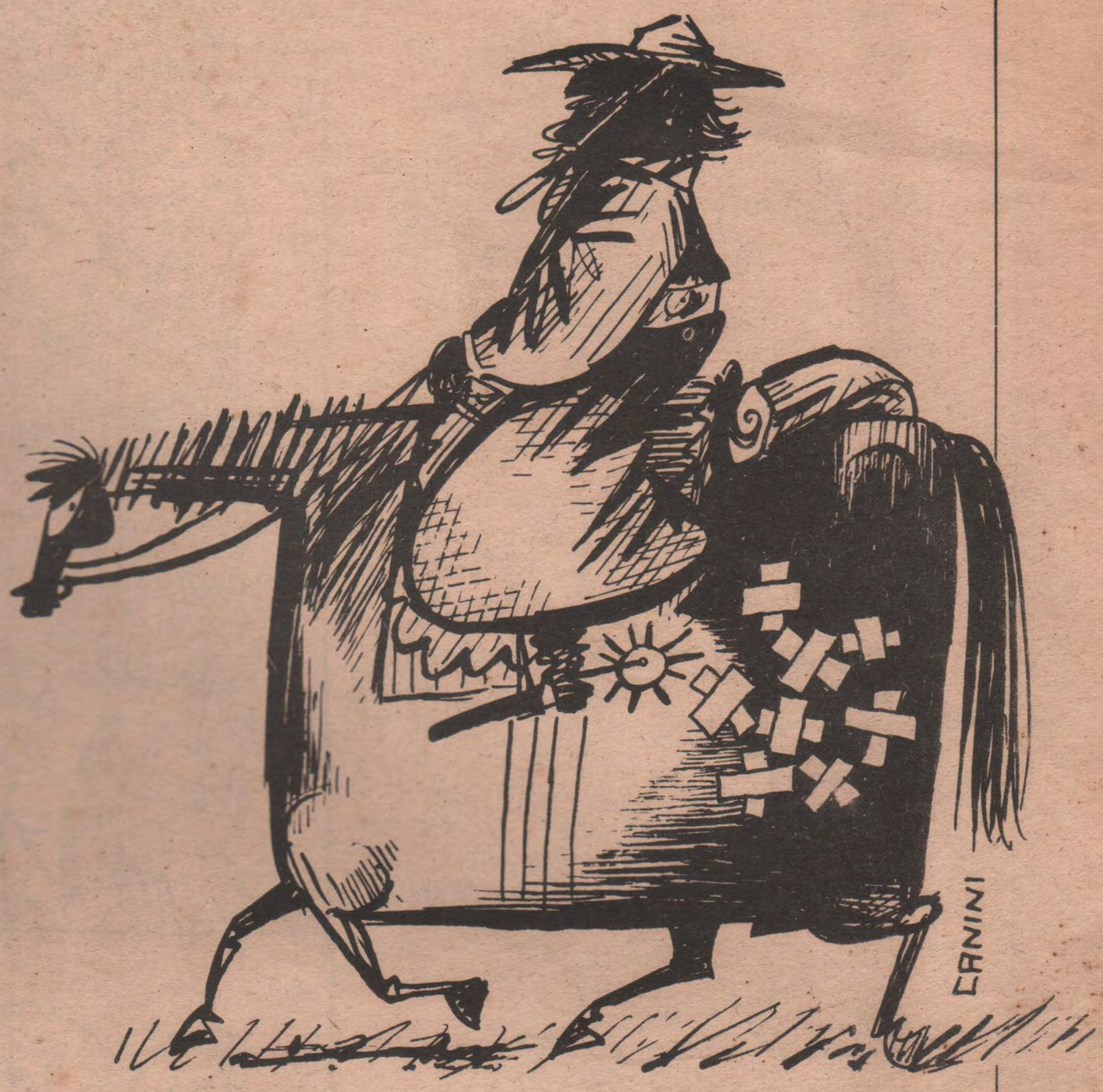
Um dia o Corcel TL desapareceu. Ninguém sabia explicar como, e muito menos o negrinho, que tremia na frente do seu amo mais que a imagem da TV da fazenda em temporal. O estancieiro mandou o negrinho procurar o Corcel TL por toda a parte, por invernadas e baixios, por sangas e cerrados, e que não voltasse sem o Corcel TL pois seria entregue ao posto da Brigada com ordens para levar uma surra de ficar branco.

O pobre do negrinho procurou noite e dia e não encontrou o Corcel TL. Pediu ajuda à sua madrinha, a Virgem Maria, que o recomendou a uma assistente social, sem sucesso. Finalmente voltou à presença do estancieiro e confessou que o Corcel TL estava perdido mesmo. O estancieiro arrastou o negrinho para o posto da Brigada e sugeriu:

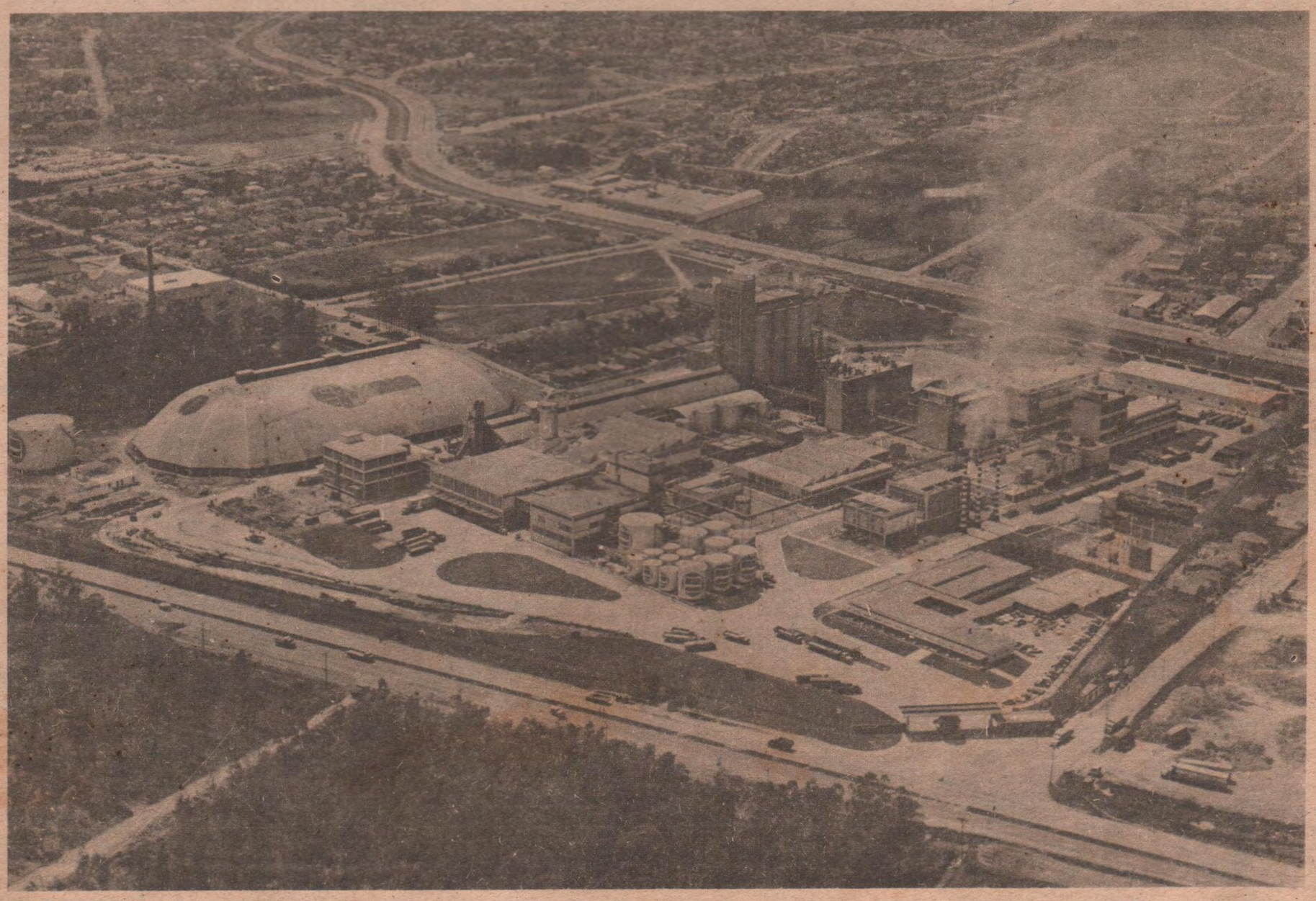
— Podem matar por acidente.

Dias depois, passando pelo posto da Brigada, o estancieiro viu o negrinho se despedindo de um guarda e indo embora. Foi pedir satisfações e ouviu a explicação de que as coisas tinham mudado um pouco, que era preciso ter cuidado, que não podiam nem tocar em prisioneiro, que a imprensa vinha em cima, etc.

Até hoje há quem jure que viu um Corcel TL passando à noite pelas coxilhas com o negrinho no volante. E o estancieiro dá socos nas paredes e diz que a coisa não fica assim, que essa tal de abertura um dia acaba e ele ainda atira o negrinho num formigueiro.



O SEGUNDO PAÍS MAIOR PRODUTOR DE SOJA DO MUNDO TINHA QUE TER O MAIOR PARQUE INTEGRADO* DE PROCESSAMENTO DE SOJA DA AMÉRICA LATINA, VOCÊ NÃO ACHA?



Em Esteio. Rio Grande do Sul. Aliás, desde 1929, a Samrig não pára de crescer, processando trigo e depois soja, fabricando alimentos e produtos de qualidade insuperável para milhares e milhares de brasileiros. Com muito carinho. E responsabilidade.

SAMRIG
S.A. MOINHOS RIO GRANDENSES

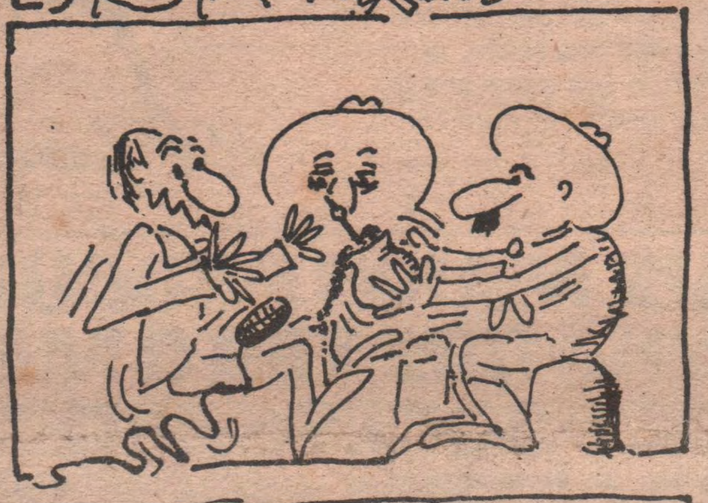
(*) Na mesma fábrica, a soja entra, por um lado, e saem, já transformados, por outro: óleo comestível, margarinas vegetais, gorduras hidrogenadas, lecitina, farinha, farelo, proteína concentrada e proteína isolada.

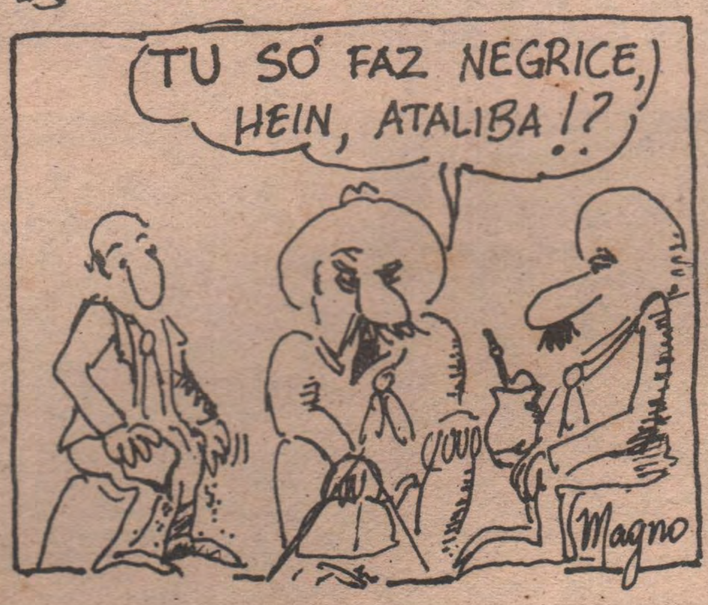
Mais cansado que cavalo de bandido.





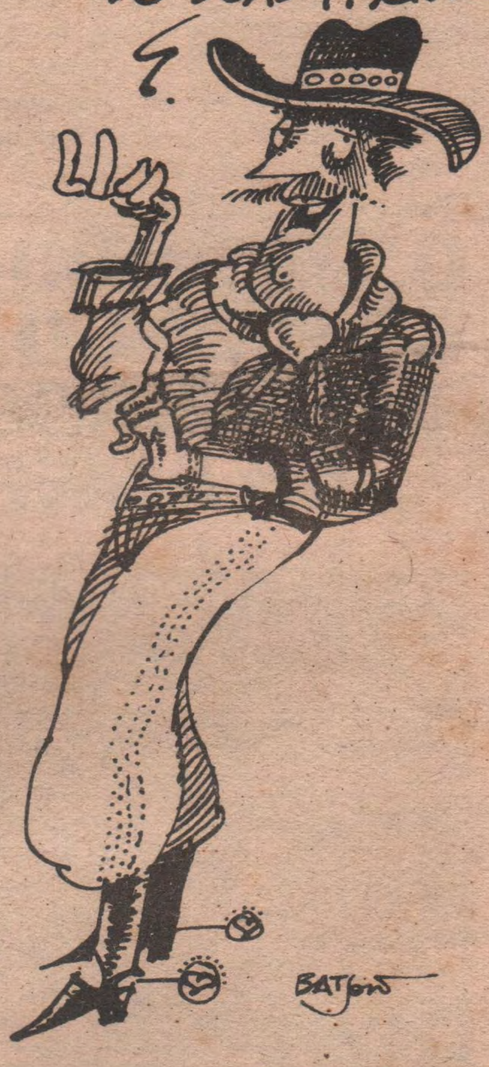






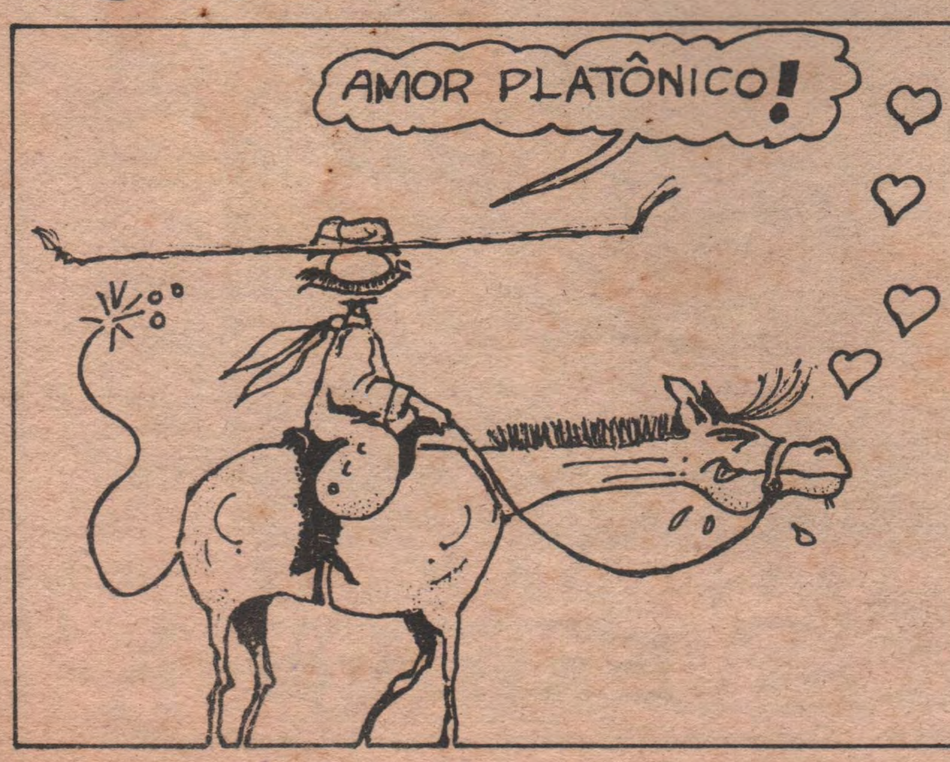


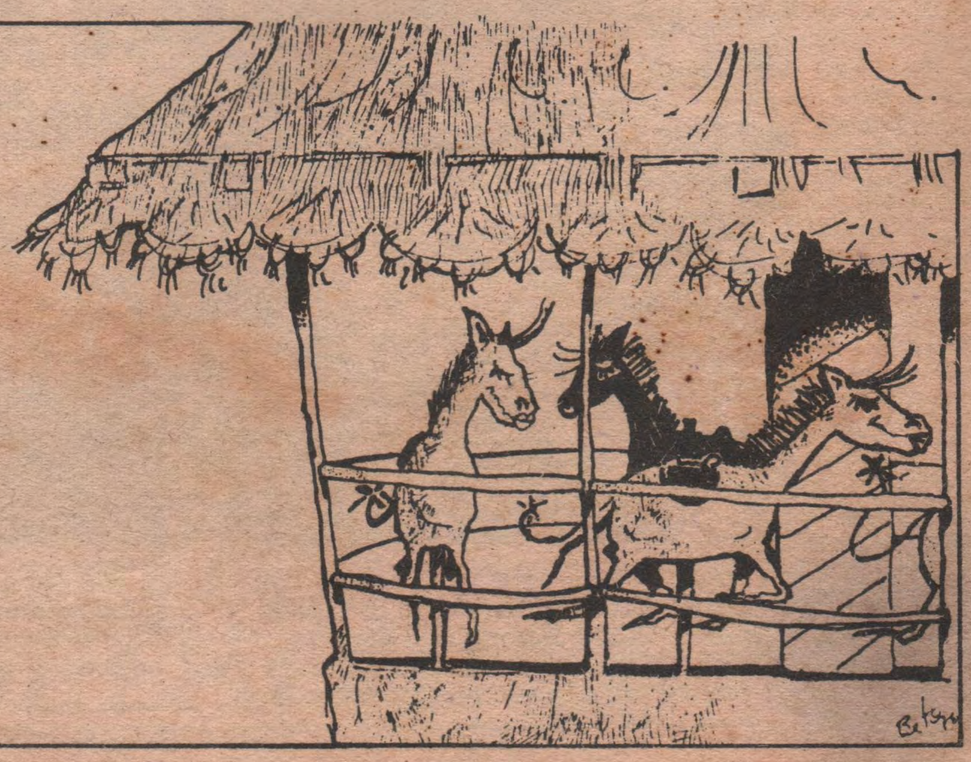
MARAGATOS
X
CHIMANGOS
PTB X PL
GRÊMIO X INTER
ARENA X MDB!
NOSSO ESTADO SEMPRE FOI
DE DUAS FRENTES!



TCHÊ

BETO





Escala

ALUGUE UM CARRO DA AUTO LOCADORA GAÚCHA.

AVIDA É CURTA E ISSO É MUITO BOM.

Nos sábados e domingos fica assim de gente na Auto Locadora Gaúcha: todo mundo alugando carro pra sair por aí. Faça isso também.

Só não esqueça de que na segunda a vida continua.

E para que ela continue boa, você às vezes precisa alugar um carro no meio da semana. Quer ver?

Ou o seu carro foi para a oficina e você fica a pé.

Ou você tem que viajar e não quer gastar o seu carro.

Ou sua mulher precisa dar umas voltas de carro e você empresta o seu, o que fazer? E vai por aí.

Razões não faltam pra que você fique na mão uma ou outra vez.

Nessas horas, lembre-se de que a vida é curta. E que é preciso aproveitá-la, como diz o sujeito aquele na televisão. E alugue um carro da Auto Locadora Gaúcha.

É mais barato do que você pensa e é muito bom.



AUTO LOCADORA GAÚCHA

O carro que você quiser, na hora que você quiser. Sempre.
Loja 1: Conceição, 364 - fones (PABX) 21-3333, 21-5555 e 24-5166 - Horário: 7 às 22h, inclusive domingos e feriados. Loja 2: Av. América, 211 - fones 22-4510 e 22-2121 Horário: 7 às 22h, inclusive domingos e feriados. Loja Aeroporto: fones 42-4510 e 42-5363 Horário: Atendimento até à chegada do último vôo.

ZIRALDO REVIVE

A·BICHA·GAÚCHA

ATENÇÃO: ESTA PÁGINA PRA TER SENTIDO, TEM Q. SER LIDA EM SOTAQUE BICHUCHO, ISTO É, UM SOTAQUE MEIO BICHA E MEIO GAÚCHO.

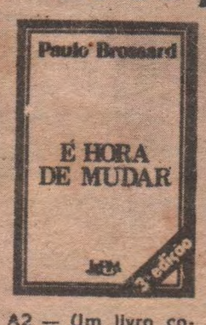




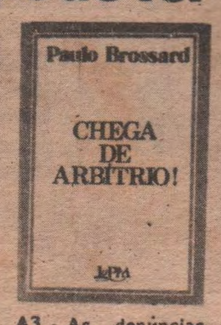
Enquanto o livro do General Olympio Mourão Filho está apreendido, Você pode ler outros bons lançamentos da L & PM Editores



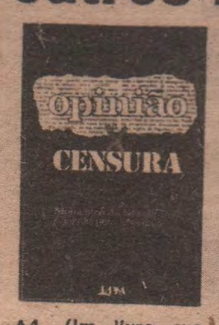
A1 - O mais completo documento sobre o movimento de 31 de março de 1964. 2.º edição. Cr$ 250,00



A2 — Um livro corajoso e veemente. Mais denúncias contra o totalitarismo e as arbitrariedades do Governo. Cr$ 80,00



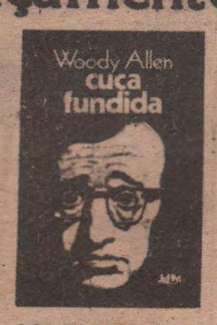
A3 - As denúncias do pacote de abril e da corrupção. Um brado pela volta ao estado de direito. Cr$ 80,00



A4 - Um livro que conta os bastidores da truculenta censura à imprensa exercida em nosso país. Cr$ 90,00



A5 - O novo romance de Josué Guimarães. A votação da emenda do divórcio é assistida na "casa" de Dona Anja. Cr$ 120,00



A6 - Todo o humor e a ironia de Woody Allen, já em 3.º edição. Ganhador de 4 Oscars em 77. Cr$ 100,00



A7 - Contos e novelas curtas tratando da solidão e da miséria nas grandes cidades. Um livro impressionante. Cr$ 120,00



A8 - Uma novela sobre a noite e o submundo. Uma história urbana, e personagens singulares. Cr$ 80,00



A9 - A volta de um grande sucesso. 7 histórias de grande qualidade literária. Cr$ 80,00



A10 - O "espírito" de Hitler paira sobre os anos 70. Muito humor, numa incrível história de aventuras. Cr$ 80,00

pedidos acima de Cr$ 200,00 terão 10% de desconto



A11 - O mais completo quadro do humor brasileiro, com 82 dos maiores humoristas. 2 volumes. Cr$ 90,00 cada



A12 - Humor. Cartuns sobre poluição, censura e realidade brasileira em geral. Cr$ 70,00



A13 - O maior sucesso teatral dos últimos anos. Humor e drama em situações reais. Cr$ 90,00



A14 - A volta do grande sucesso. Em 4.º edição. Textos e a história da liberdade através dos tempos. Cr$ 70,00



A17 - O homem da pré-história ao seu fim. Um livro importante. Humor Cr$ 90,00



A18 - Rango reeditado em seus primeiros números. 240 pg. Cr$ 70,00

Em todas as livrarias, ou pelo reembolso postal

Peço que me enviem pelo reembolso postal os seguintes livros

A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10	A11	A12	A13
A14			A17	A18								

(marque com um "x" os livros desejados)

Nome.....

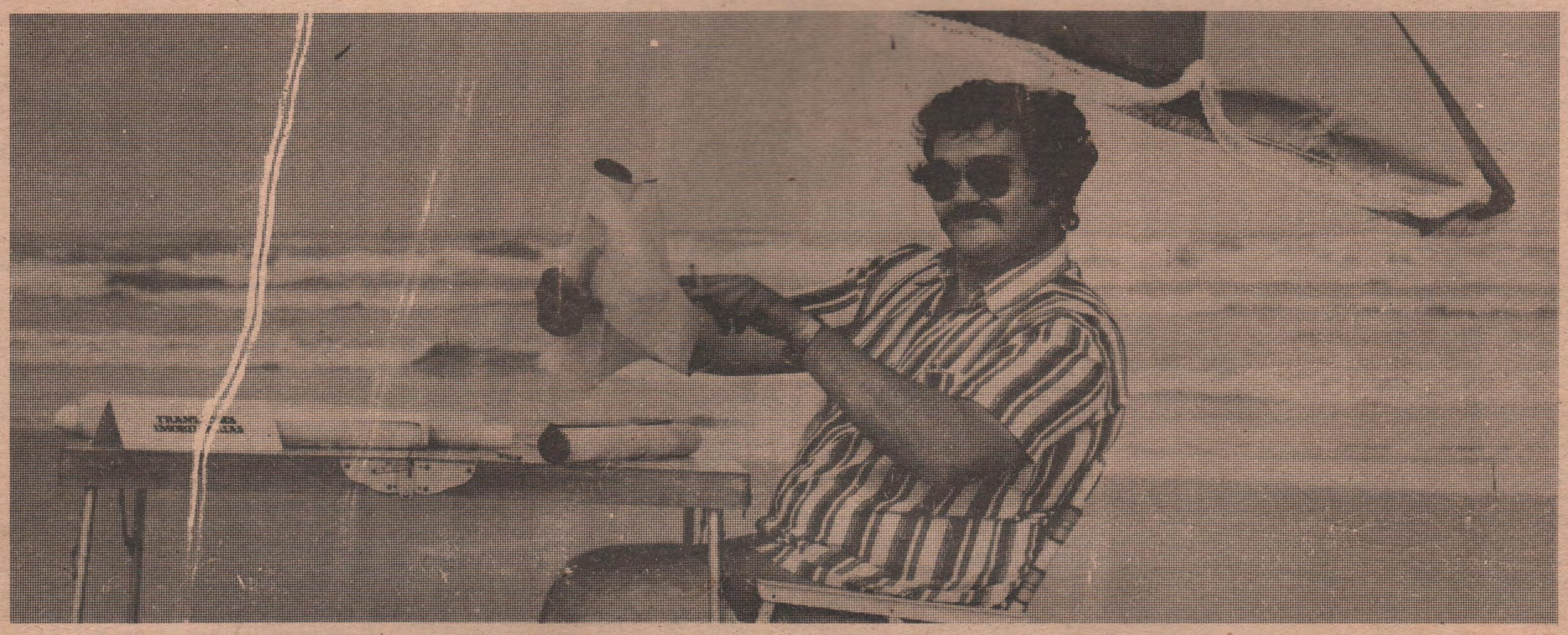
Endereço.....

Cidade ..... CEP..... Estado.....

Recorte este cupom e envie para a L&PM Editores Ltda. Rua Comendador Coruja, 372 — 90.000 — Porto Alegre — RS.

Não mande dinheiro agora

É nesta época que começam a aparecer os negócios da China.



No verão é comum em cada canto ter alguém oferecendo terrenos maravilhosos pra você.

Verdadeiros negócios da China. Planos e projetos mirabolantes.

Cuidado.

Antes de comprar um terreno na praia, veja muito bem que praia e que tipo de loteamento estão lhe oferecendo.

Vá ao local e confirme se a infra-estrutura que falam é infra-estrutura mesmo, ou só infra. Ou nada.

Quem está aconselhando é Nova Tramandaí. Porque Nova Tramandaí cumpriu com o que prometeu: água, luz, arborização e calçamento, tudo pronto e funcionando.

Valorização comprovada.

Só quem cumpre o que promete tem o direito de falar assim com você, francamente.

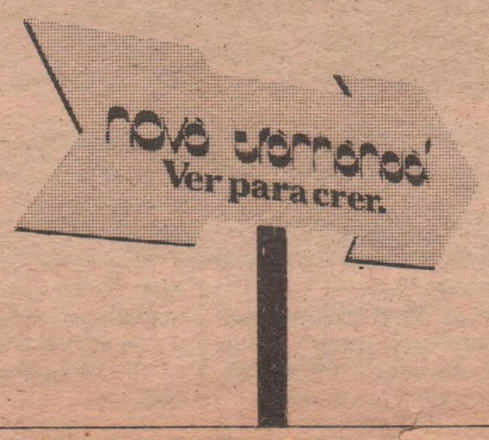
E só há uma maneira de cumprir: trabalhando.

Pode ficar certo, milagres imobiliários não existem.

Nem aqui, nem na China.

AMPLA

Se você pode acertar, não erre.



Empreendimento
Kury & Padilha Ltda.
Vendas:
ZONA NOVA SERVIÇOS IMOBILIÁRIOS
Porto Alegre: Rua 24 de Outubro, 1280
Fones: 22.3411 e 22.3414
Tramandaí: No local
IMOBILIÁRIA GOLFINHO
Tramandaí: Fone 76 e no local

Ei, Sebastião Nery: vê se agüenta nosso folclore político

A fama de Estado mais politizado do Brasil (que cada vez se justifica menos) dá a impressão de que no Rio Grande do Sul a política anda só de colarinho duro. Nada mais incorreto, como prova um levantamento feito pelo cartunista e repórter político Paulo de Tarso Riccordi. Selecionamos alguns dos melhores casos levantados por ele.

●

Em sua campanha para o Senado, nas últimas eleições, o arenista Mário Ramos se autoproclamou "o galo de espora forte". De São Sepé, o emedebista Jarbas Moreira mandou a resposta num improviso:

"Eleição não é rinha
(esta é opinião minha)
Homem vota em Homem
Quem vota em galo é galinha"

●

No tempo de Borges de Medeiros na Presidência do Estado, o Partido Libertador não ganhava eleições. Se ganhasse, não levava. Pelo causuísmo da época, as atas eleitorais dependiam da aprovação da Assembléia Legislativa, onde o Borges tinha maioria, claro.

Por descuido, o PL ganhou num municipiozinho desses. O peão correu contente a contar para o patrão:

— Dotô, tô tão satisfeito que sô capaz de me degolá só pra chegá no céu e contá pro dotô Gaspar Martins que ganhemo aqui!

Passaram-se as semanas e as atas foram fraudadas, anulando a vitória maragata. Olho arregalado, voltou o peão:

— Dotô, já pensô se eu me percipito?

●

No Governo Castello Branco, David Nasser reproduziu em sua coluna na revista **O Cruzeiro** trechos do escritor português Camilo Castello Branco contra as ditaduras.

Da tribuna da Assembléia, o deputado Lino Zardo sacode a revista para os arenistas:

— Olhem aqui. Até os parentes do homem estão contra ele!

●

Encontram-se no elevador da Assembléia o deputado arenista e coronel Pedro Américo Leal e seu colega Celestino Goulart, afamado talento na arte da negociação política.

Leal: "Celestino, com o teu talento e a minha inteligência, eu estaria longe!"

Celestino: "Pois eu, com o meu talento e a tua farda iria ainda mais longe..."

●

Ex-tropeiro, pouca instrução, Marcial Terra fez fortuna, virou fazendeiro e deputado à Constituinte de 1946, pelo PSD.

Para sua estréia na tribuna pediu que o culto Francisco Brochado da Rocha lhe escrevesse um discurso.

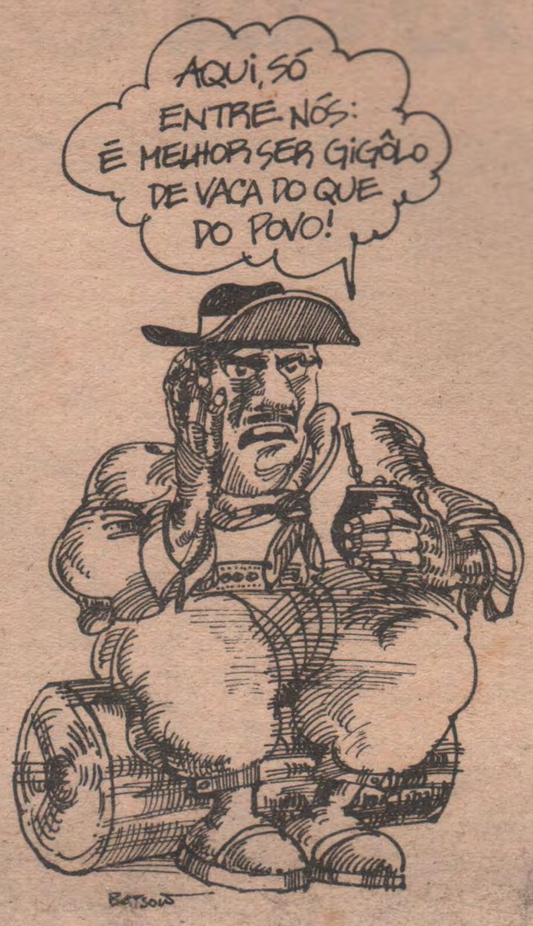
Na tarde da estréia, está chegando a vez do Terra e nada do Brochado aparecer com o discurso. Finalmente aparece o líder pessedista, em cima da hora. Mal dá tempo para entregar as laudas.

Tranqüilizado, Marcial Terra faz brilhatura na tribuna. Uma bela peça oratória. Perfeita no trato da flor do lácio. Exata nos dados. Um magistral apanhado da história da agropecuária gaúcha.

Muito ao seu estilo, a certa altura Brochado da Rocha havia introduzido uma passagem de **humor.** Um **causo** de tropeiro.

Todos desatam o riso. Marcial Terra mais ainda:

— Essa é boa. Essa eu não conhecia!



O general Samuel Alves da Silva assume o comando do III Exército e faz a visita protocolar aos chefes dos três poderes.

Na Assembléia é recebido por Nivaldo Soares, Pedro Simon junto. Tateando, falam de tudo menos de política. Tentam o futebol. O general opina:

— Neste ano o Grêmio deve vencer.

Simon goza:

— Deve? Bem, se é uma ordem...

●

Nos primeiros dias de abril de 1964 prenderam Vicente Rao, presidente da combativa Federação dos Bancários do Rio Grande do Sul e Rei Momo de Porto Alegre.

Da tribuna da Assembléia, o petebista Fontourinha ataca os carcereiros:

— Para completar o carnaval, agora prendem o Rei Momo!

●

Mário Miguel, do PTB, e Ivo Ramos, do PL, disputam a liderança do distrito de Passinhos—Osório. 1962. Os dois, suplentes de vereador, são chamados a assumir a Câmara.

Ivo Ramos vai à tribuna para seu primeiro discurso: uma longa listagem de obras que diz ter feito durante sua gestão como subprefeito de Passinhos.

Mário Miguel pede um aparte. Ivo concede:

— Vossa Excelência tem o aparte. Mas pode falar sentado que o Regimento Interno permite.

— Não, muito obrigado. Eu quero chamar Vossa Excelência de mentiroso em pé mesmo.

●

General Flores da Cunha interventor no Rio Grande do Sul. Estado Novo.

Aparece no Palácio Piratini um gauchão. Quer falar com o homem. Pedir favor. Os oficiais de gabinete enrolando, dando chá de banco, desconversando, a agenda está lotada, quem sabe amanhã...

No quarto dia o gauchão encheu os tubos. Hoje eu falo com o general. Não pode entrar aí, gritavam os moços de paletó e gravata. Mas o gauchão tomou a reta da porta do gabinete do general e foi derrubando gente. Meteu o pé na porta. Quero falar com o senhor e essa gente não me deixa.

Flores olha o quadro: o gauchão gravateado por três brigadianos, cercado por outros tantos. E ainda esperneando. O interventor então grita para sua gente:

— Não reconhecem um *homem?* Soltem o bicho! O que o senhor quer comigo?

— Eu tô necessitado, general. Tenho seis filhos e não consigo emprego.

— Pois está nomeado Fiscal da Higiene. Façam a portaria de nomeação.

●

No Rio de Janeiro, Flores hospedava-se no Hotel Itajubá. Quase de manhã ele volta abatido, arrasado na mesa de jogo.

— Vou dormir. Não me chamem nem para o almoço. Não estou para ninguém.

De manhã mudou o pessoal da portaria e a turma da noite esqueceu de passar a ordem do general. Às 11 horas tocam para seu quarto. Não atende. Logo o hotel é sacudido por pesado tiroteio.

Todo mundo corre ao quarto de Flores. Batem. Ninguém atende. Botam a porta abaixo.

Na cama, displicentemente, o general recarrega o revólver. No chão, o telefone destroçado.

— Matei esse inconveniente.

●

Apareceu na mesa um paulista bom no pôquer. Em meia hora já ia pelando o general Flores. Numa mão o centro da mesa está forrado de fichas. Rodada forte.

O paulista paga para ver. Flores abre o jogo e não tem nada. Cachorrão. O paulista avança a mão para as fichas enquanto ri:

— O que é isso, general?!

— O que é isso pergunto eu, moço. Ganhei.

— Mas como, general?

Revólver sobre a mesa, Flores explica:

— As cinco cartas diferentes uma da outra aqui chamamos de farroupilha. O jogo mais alto.

E recolheu as fichas. Assustado, o paulista engoliu.

• • •

Quase pela manhã, o paulista apresenta um farroupilha. Mas é atalhado no caminho das fichas pelo revólver de Flores:

— Não, seu moço. Farroupilha é jogo tão forte que só vale um por noite.

●

Flores da Cunha era apaixonado pelo jogo. Qualquer tipo.

Em Rivera foi ao cassino. Perdeu tudo. Sobrou uma única nota de cem mil réis, que colocou no 17, revólver em cima.

Suando, olho grudado na arma, o crupiê girou a roleta e cantou o número:

— Vermelho 36. E negro 17 para o general Flores.

* * *

Numa roda de pôquer, no Clube do Comércio, Flores recebe de mão um **four** de damas. Às suas costas, um puxa-saco delira.

Impassível, Flores dispensa o **four** e pede outras quatro cartas. O puxa-saco se surpreende e deixa escapar um "Oh!".

O general se vira, vingado:

— Sofre, peru filho da puta!

●

Ao lado da tribuna da Assembléia velha (na Rua Duque de Caxias) havia um janelão, que dava para o Palácio do Governo Estadual.

Cândido Norberto — hoje fora da política por ação do AI-5 — está na tribuna, atacando o Governo Ildo Meneghetti. O pessedista Hed Borges intervém:

— Vossa Excelência só sabe fazer isso: ofender, destruir, ridicularizar as pessoas. Por que não olha para si próprio: um instável. Começou no Partido Libertador; do PL passou para a ARS; da ARS para o MTR. Agora está no MDB. Vossa Excelência vive mudando de partido, vive pulando de flor em flor, Vossa Excelência é o beija-flor da política!

Cândido corta rápido, apontando para o Palácio do Governo que se vê através da janela:

— Por isso eu posso dizer: essa gente aí não é flor que se cheire...

●

1963. Francisco Kid concorria à Câmara de Vereadores de Santana do Livramento pelo PTB. Ia levando bem o discurso até o bêbado oposicionista provocar:

— Desce daí, pelego!

Chico Kid desandou:

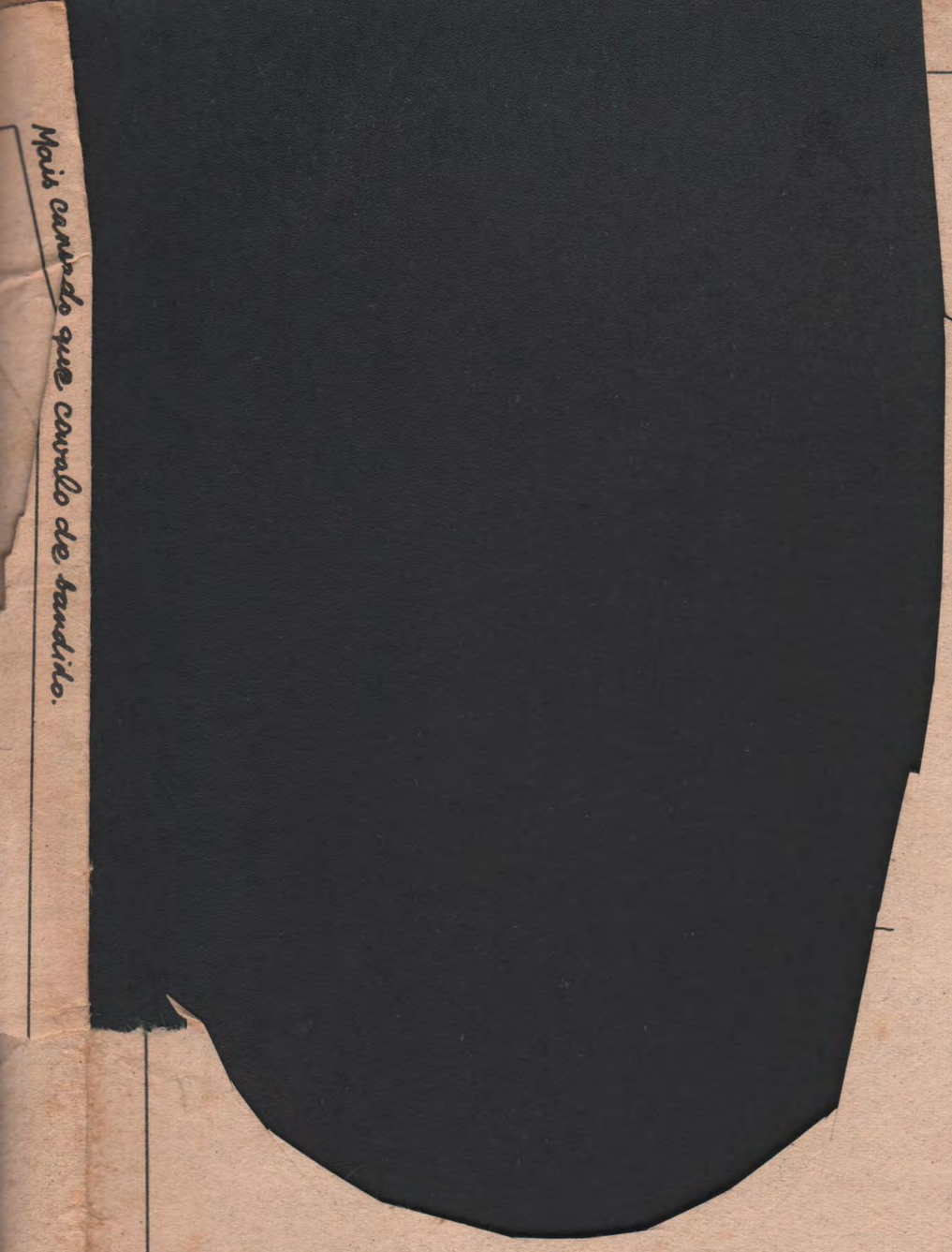
— Me chama de pelego. Sou pelego, sim, mas de tanto andar montado no lombo de muito filho da puta da Frente Democrática.

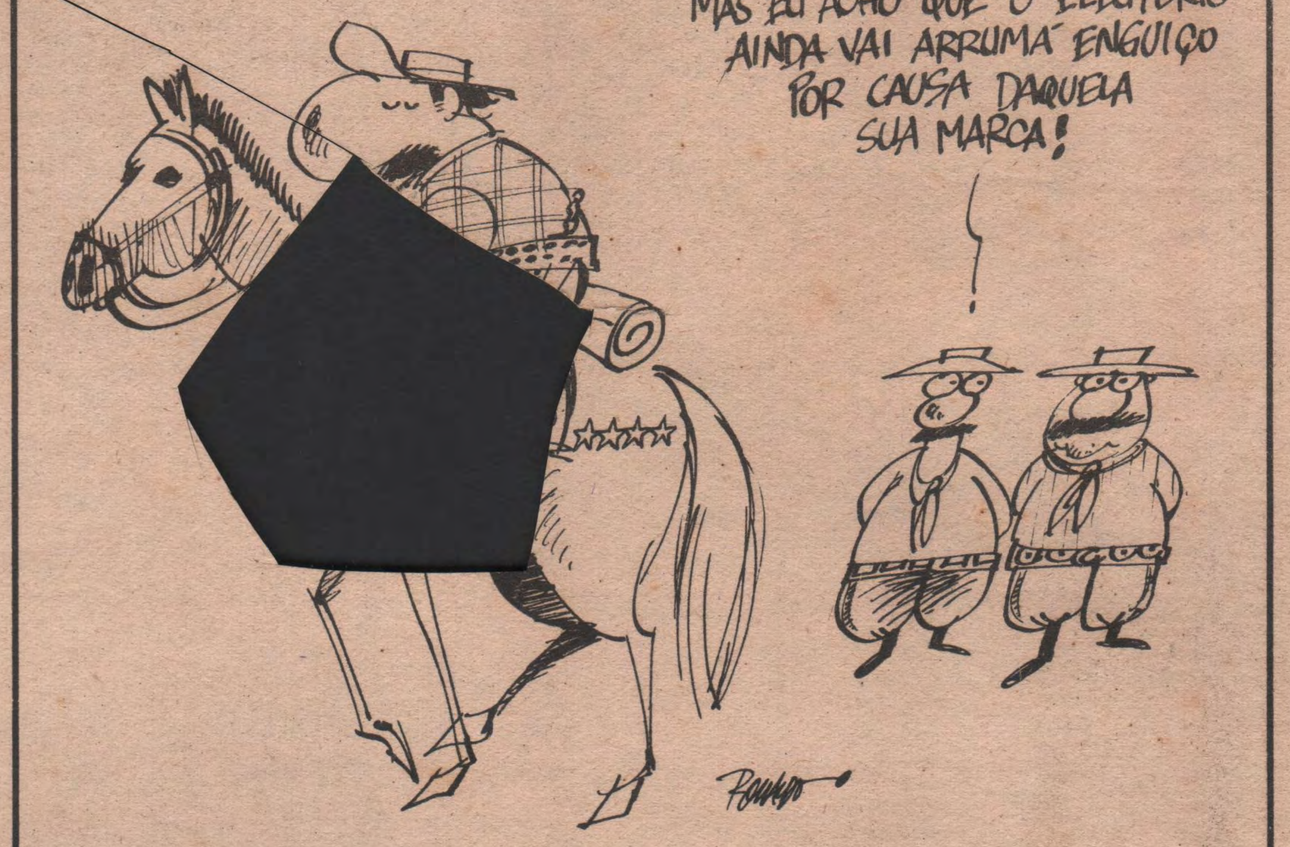
●

1950. Vargas de volta ao poder. Manda chamar um político de São Leopoldo que assinara ficha no PTB.

— Em 1945 o senhor assinou um manifesto contra mim. A política gosta da traição. Mas liquida os traidores. Raspe-se do meu partido.

Mais cansado que cavalo de bandido.





Novas Lendas do Sul IV

O gauchão era tão macho que curava bicheira a cuspe. Mastigava osso e barranqueava touro. Tinha sete filhos. Seis trabalhavam com ele na estância mas o sétimo resolvera ir para a cidade trabalhar no comércio. Os amigos do gauchão troçavam dele.

— Como é, indio velho? Uma cria desgarrou?

— Ouvi dizer que o teu guri só monta em escrivaninha e faz marcação com esferográfica...

— Quem diria, sô. Um filho balconista... Se fosse meu, sacrificava.

O gauchão deixou correr o tempo que o tempo é como almanaque, tem resposta para tudo. Um dia apareceu com uma carta do filho ausente para esfregar na cara dos outros. Seu filho não era nenhum bunda-mol. Era um grande vendedor. Autônomo, coisa de homem. Só em comissão, ganhava mais que gerente do Banco do Brasil em tempo de adubação. E tinha mais. Trabalhava para firma americana.

— Que firma, compadre?

— Está aqui. Avon.

Os amigos do gauchão calaram o bico e nunca mais troçaram dele.

Causo III

A mesa era farta e o visitante estava com muita fome. Mas uma hora depois, ele já estava estourando e a dona da casa continuava insistindo:

— Coma mais um pouquinho de Canjica, seu Dorival.

Dorival se recostou na cadeira. esfregando a barriga com a manopla:

— Me desculpe, comadre, mas já estou estupefacto.

LUTE CONTRA A ALIENAÇÃO.

DÊ UMA ASSINATURA DO COOJORNAL DE PRESENTE.

Preencha estes cupons com o nome dos seus amigos e envie ao *Coojornal*. Taí uma sugestão criativa e inteligente. Dando uma assinatura do *Coojornal*, você estimula o debate, faz seu amigo pensar, criticar, entender melhor que País é este. É mais uma cabeça pensante na luta pela liberdade.

cooJORNAL

Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr$ 165,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....
Endereço: ..... Fone: .....
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....
Estado: ..... Profissão: .....

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

Cupom de Assinatura

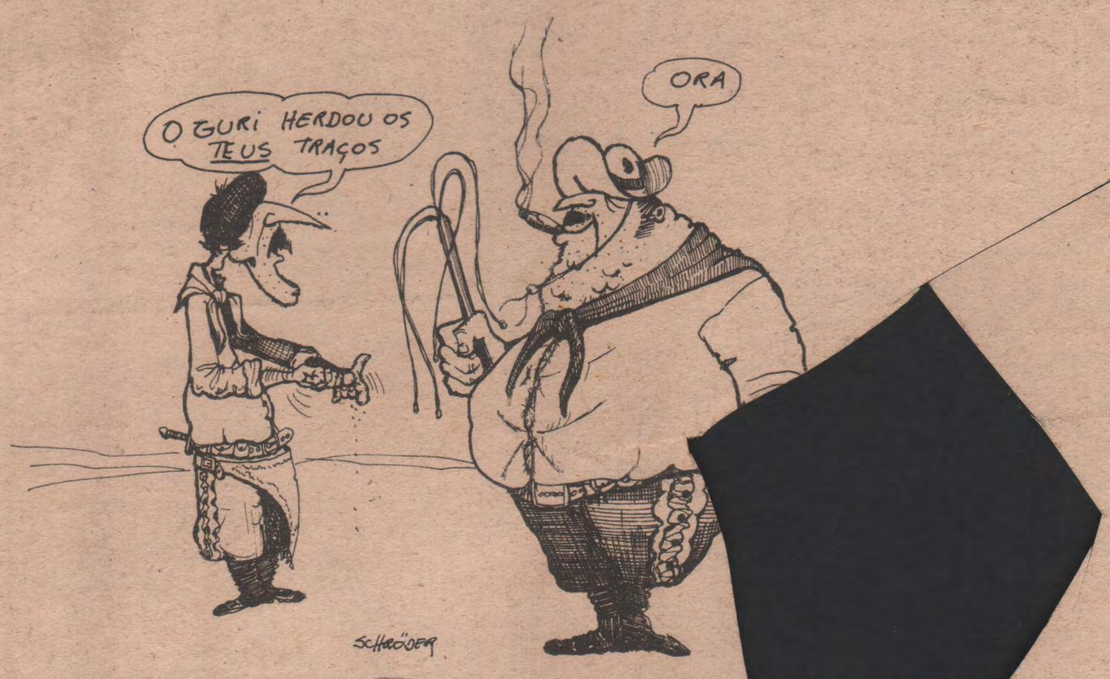
Assinatura por 12 edições: Cr$ 165,00
Envie cheque nominal ou vale postal para:
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000
Fones: 21.8984 e 24.0951

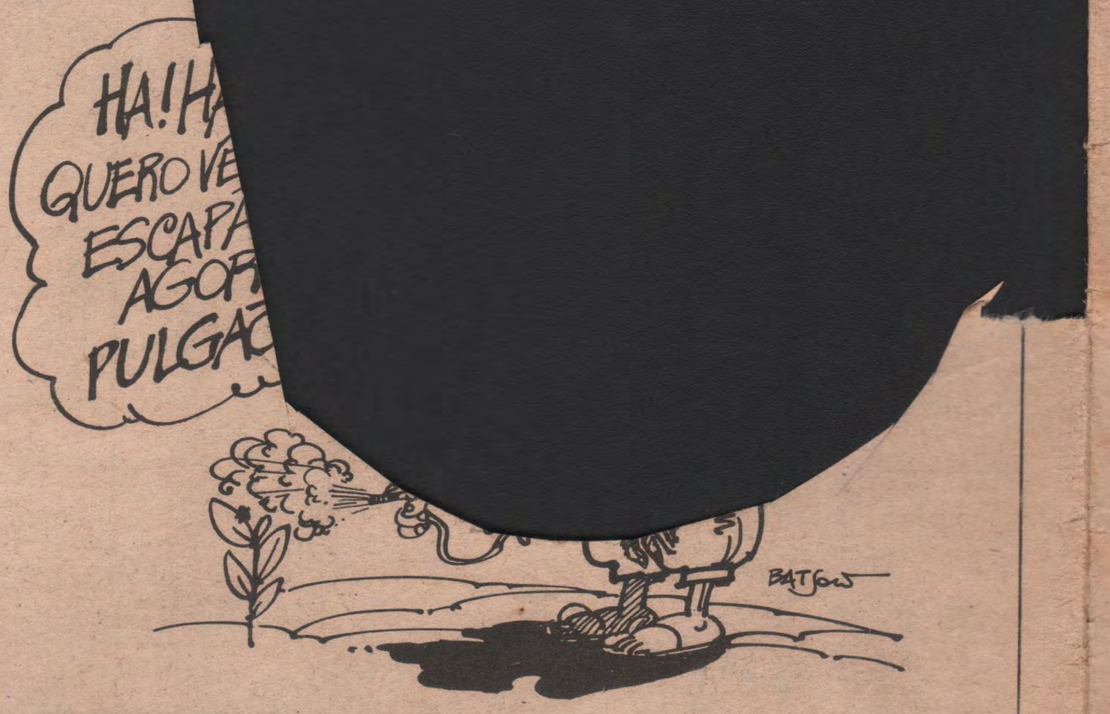
Desejo receber o Coojornal a partir do nº ☐

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....
Endereço: ..... Fone: .....
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....
Estado: ..... Profissão: .....

Comunique-nos qualquer alteração de endereço.







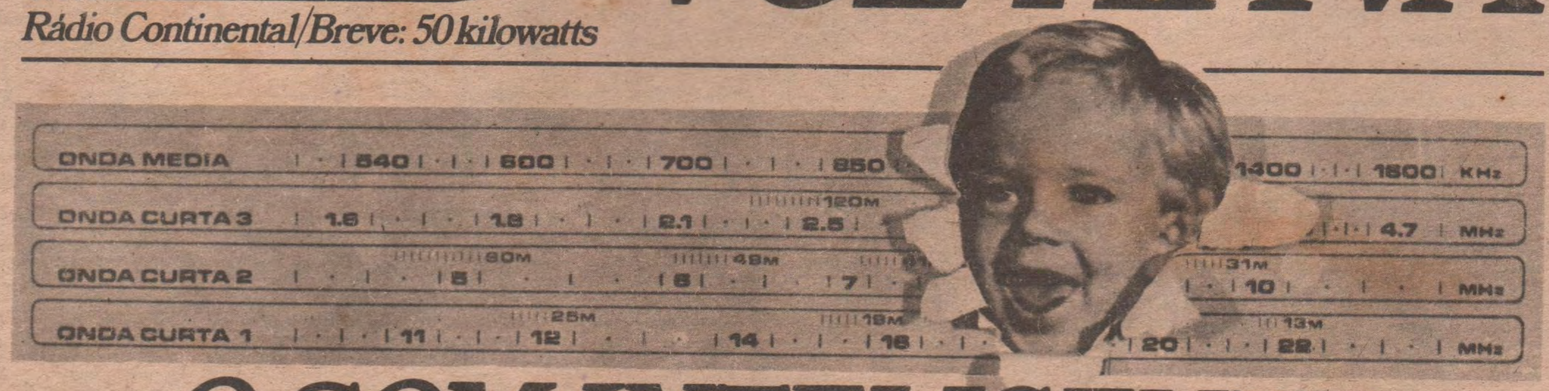


sôpropaganda

1120

Rádio Continental/Breve: 50 kilowatts

VOZ ATIVA



O SOM INTELIGENTE.
A NOTÍCIA NA INTIMIDADE.

Causo IV

Num remate de gado, com gente de bombacha vindo de todos os interiores do município, o leiloeiro era um destes gauchões animados, alegres. Como se diz na campanha: Um buenacho. Isto era no tempo que existia fartura de gado no Rio Grande e o bicharedo andava "gordo como cusco de cozinheira". Era cada lote de boi de se tirar o chapéu. Gado grande, gordo e lustroso. E lá estava o leiloeiro, horas e horas, falando: "Vejam só que maravilha, olhem o tamanho, reparem no peso e no pêlo, é lote de exposição".

Pois bem no meio daquele animalada supimpa não é que entra um lotezinho de uns boizinhos minguados, minguados. Bichinhos assim de metro de altura, desajeitados, magros e ossudos. Os boizinhos entraram na mangueira do remate até meio empurrados.

O leiloeiro, pego de surpresa, não sabia o que ia dizaer daquilo que via. E olhava e reolhava. E o povo todo ali, esperando. Queriam ver o que ele ia dizer, porque até aquela altura ele já tinha gasto todos os qualificativos para elogiar os animais que antes tinham entrado na pista.

Pois o homem era dos bons: esperou, naquele silêncio todo e lascou:

Simpáticos, não acham? E todo mundo caiu na risada.



Todo escocês é pão-duro, menos na hora de beber Ye Monks'



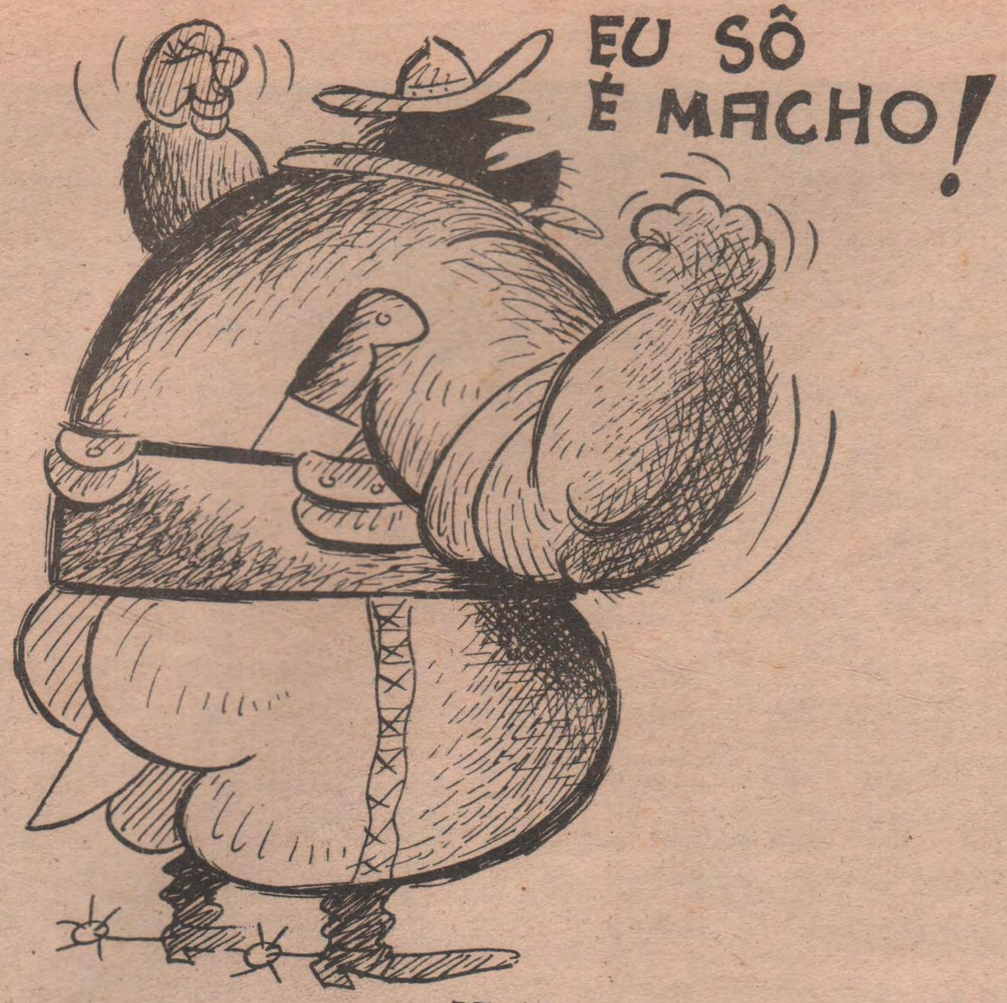
Ye Monks'

Meridional Distillery

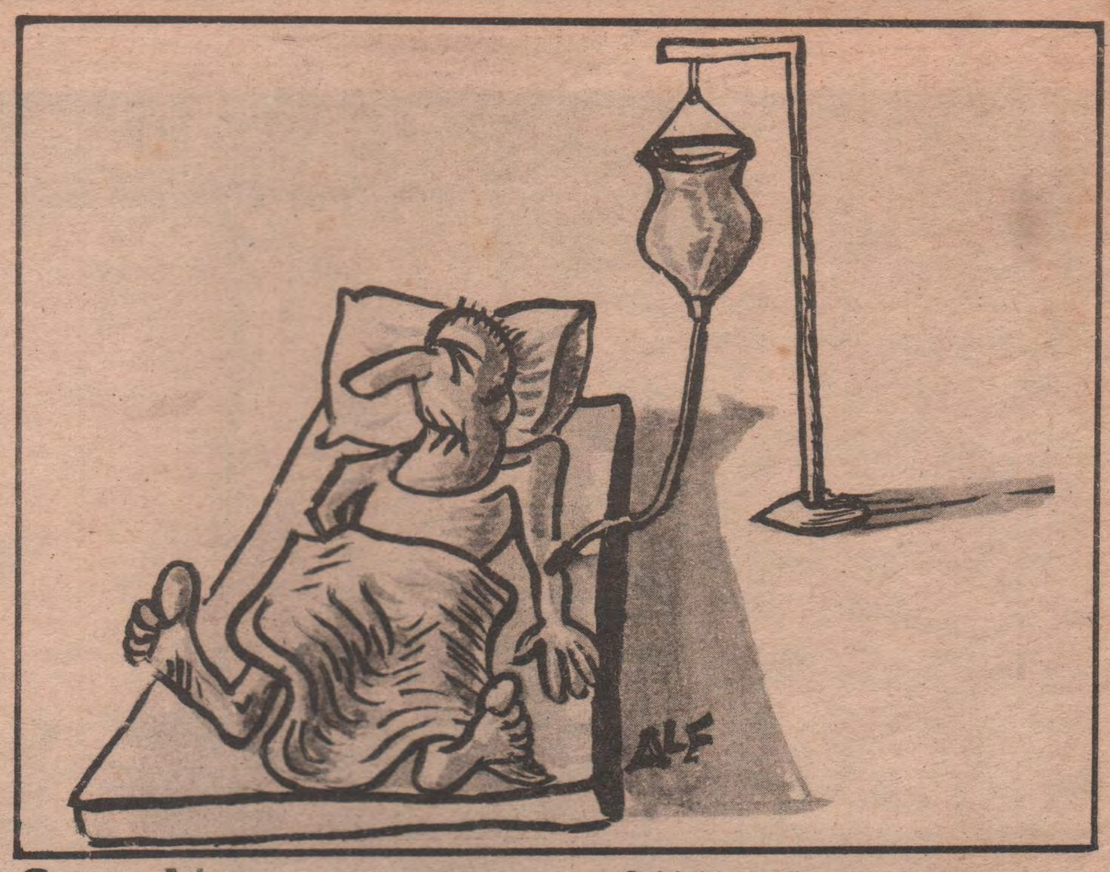
Andradas, 1234 - 6º andar

Fones 24-2760 e 24-2761 - Porto Alegre - 90.000

Escala



LANINI
(ENDEREÇO IGNORADO)



Bem como hoje de prima.

Causo V

O povo da campanha tem uma maneira toda especial para dizer as coisas. Numa conversa de sala, regada a chimarrão, um dos participantes quis saber por que o jovem casal não tinha filhos. A mulher ficou meio encabulada, mas o homem respondeu de pronto:

— Pois não sei: ela já parou de tomar as pastilhas e eu já tou com as unhas dos pés tortas de tanto treinar. E até agora nada.

Causo VI

O gauchão de Bagé desembarcou na rodoviária em São Paulo e entrou num táxi:

— Me leve nos Pinheiros.

O motorista sentiu o sotaque e resolveu se deitar:

— O sr. quer que pegue o Minhocão?

O bicho velho se esparramou no banco e não teve dúvida:

— Ué, se tu te garante guiar com uma mão só, pode pegá.

Causo VII

No bolicho se discute a rixa do Ogusto com o Apolinário. Desentenderam-se e o pessoal apartou, mas o Apolinário jurou:

— Da próxima vez que te encontrá, te passo o facão.

Agora a peonada está ali, contando e recontando a briga, rindo e bebendo caña. Nisso entra o Ogusto, bombachinha fina, alpargata, chapéu velho.

— Tão dizendo que tu não passa mais lá pela casa do Apolinário de medo do facão dele.

Ogusto puxou um cepo, sentou, começou a picar um palheiro e respondeu com voz calma:

— Tenho medo mas é que ele se vire em merda e me cague os dedo.

Você jamais vai esquecer os 25 anos do Real.

AMPLA



O Real, Kastelão
e Comes & Bebes
estão sorteando
dois Corcel por mês.
Um jeitão todo especial
do Real comemorar seus 25 Anos.
Um acontecimento tão importante, que
o Real quer torná-lo inesquecível.

REAL SUPERMERCADOS comes&bebes KASTELÃO

Proc. n.º: 1080-05340/78 - Sec. Rec. Federal MF. Brasília - Autorização N.º 01/553 de 06.07.78.

Uma seleção de humor para você!



Se você gosta ou não de televisão não importa.
Você vai gostar de Chico Anísio escritor. Jorge Amado disse dele que "é um escritor dotado de prosa límpida, cheia de amor ao ser humano e à vida". Leia e veja por quê:

1H — **O Batizado da Vaca** — São vinte contos que Chico Anísio nos oferece: vinte histórias que refletem de maneira descontraída e gostosa as tragédias e comédias cotidianas do Rio e São Paulo. Um sucesso permanente: já na 16ª edição. — Cr$ 80,00.

2H — **O Enterro do Anão**: Pequenas histórias em linguagem coloquial. O humor do dia à dia transposto do teatro para a prosa. 14ª edição. — Cr$ 80,00.

3H — **A curva do Calombo** — Um novo Chico Anísio cheio de humor, sabedoria popular e malandragem carioca. — Cr$ 80,00.

4H — **O Melhor de Stanislaw Ponte Preta** — Sérgio Porto. Os melhores momentos de Stanislaw: Tia Zulmira, Primo Altamirando, Garoto Linha-Dura, Febeapá, Crioulo Doido. Uma coletânea que você não pode deixar de ler. — Ilustrada com desenhos de Jaguar. Cr$ 90,00.

Luís Fernado Verissimo e o humor sutil.

5H — **O Popular** — Um extraordinário poder de síntese, de observação, de forma, de acuidade mental. Um escritor inteligente, ferino e irônico. — Cr$ 85,00

6H — **A Grande Mulher Nua** — Luís Fernando tanto manejá a pena de escrever como a de desenhar. Com uma simplicidade extraordinária ele transforma uma simples crônica em uma aguda visão universal. — Cr$ 90,00.

7H — **Amor Brasileiro** A grande qualidade do autor está em nos fornecer um produto cada vez mais raro: o humor. — Cr$ 75,00.

Escolha e peça hoje mesmo pelo Reembolso Postal. Basta preencher o cupom abaixo:

ponha logo no correio

Agência Literária Veritas Ltda.
Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com X:
1H...2H...3H...4H...5H...6H...7H...

Nome: _____
Rua: _____
Cidade:.....CEP:.....Estado.....
Data:.....Assinatura: _____

* Não envie dinheiro. Só pague ao receber os livros.
Não cobramos despesas de remessa.

Mais cumprido que suspiro de viúva.

Tá rindo do quê? III

Nossa reportagem continua perguntando de quê as pessoas riram em 78:

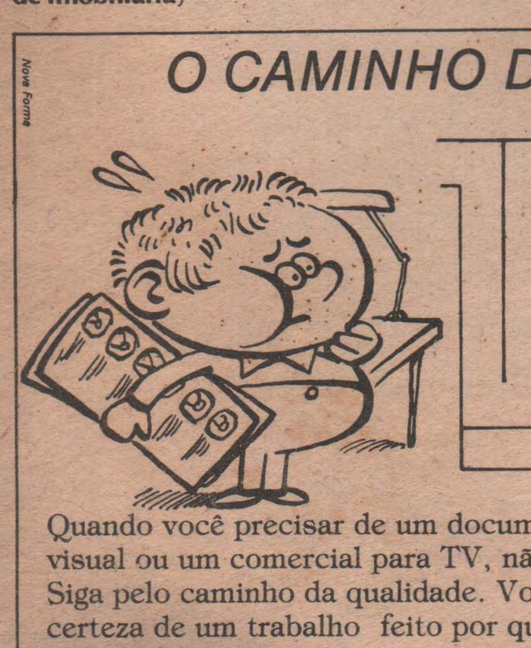
"O gringão, que não era mais grosso por falta de espaço, chegou brabo no cartório de protestos. 'Que história é esta que eu sou avalista?'. Aí mostraram pra ele um título comercial avalizado por ele e protestado. Ele disse assim:

— Qué dizê que quem assina na cacunda do título é avalista?

(Contado por Diogo Soares, 38 anos, casado, chefe de seção do Cartório de General Câmara)

"O *show* do Agildo Ribeiro e da Rogéria, no Cine Presidente, foi o máximo. Morri de rir com aquele bicha".

(Comissário Álvaro Novais Filho)



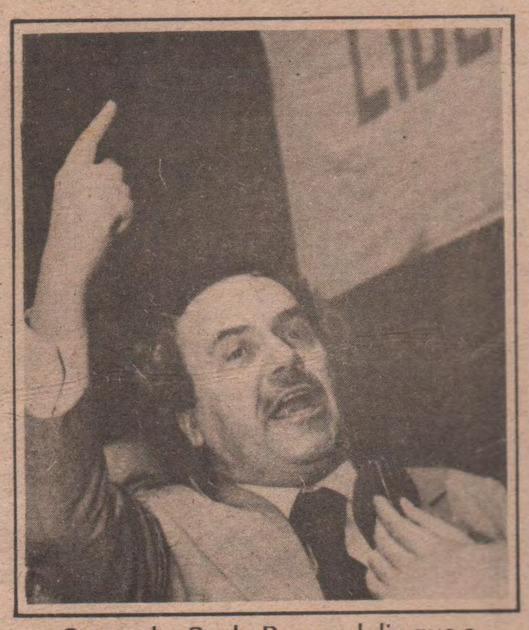
"Engraçado é receber o 13º salário e já estar devendo o 14º"

(Marco Aurélio, chargista de Zero Hora)

A palhaçada do ano foi o Grêmio. Jogou para perder porque tinha que perder para se classificar. E ainda perdeu o campeonato.

Na televisão o que eu mais rio é do Planeta dos Homens. Esse programa superou o Chico Anísio. Os quadros melhores são aquele do "tá todo mundo enrolando?" e o do telefone, da "Dinorá".

(João Bismark, 50 anos, solteiro, dono de imobiliária)



O senador Paulo Brossard diz que o ano de 78 foi trágico:

— Só podemos rir risos de escárnio — diz o senador, lembrando o seqüestro dos uruguaios, o silêncio das autoridades gaúchas, o "Pacote de Abril" e o senador biônico.

Dá mais uma voltinha com a barriga. De repente, se volta para o repórter com um risinho por baixo do bigode:

— Bom... tem o Amaralzinho. Estou impressionado com a crise da compleição física dos governadores gaúchos. Desde o Walter Jobim que os nossos governadores estão diminuindo de tamanho. Depois do Amaralzinho, o que será que vem? Um anão? Isso aqui vai virar um circo.

"Os três tiraram o baixinho de dentro do cinema a soco. Foram levando ele no tapa. Aí dois pararam de brigar. Só um que foi levando o baixinho. Quando chegaram na esquina que o baixinho viu que os outros dois tinham parado de brigar. Aí que foi o mais engraçado. O baixinho trouxe o cara de volta pro Cinema no soco. Este episódio aconteceu no Cinema Castelo".

(Narrado por João Batista Ligório, 49 anos, casado, pedreiro)

O senador biônico foi uma piada para Rio Grande do Sul.

• • •

Essa taça que o Colorado ganhou entã O Rúbis prometeu uma taça de 300 mil cruzeiros e deu uma taça de merda. É que ele resolveu dar um jantar de festas *naftalinas* pros funcionários da Federação Gaúcha de Futebol e gastou um dinheirão (A taça é tão vagabunda que bateu na cabeça do massagista Bigode e amassou).

• • •

A Jackeline Onassis telefonou pra mãe

— Mãe, hoje eu não posso ir na sua casa. Tô com artrites...

— Minha filha, outro grego!

Essa foi uma piada que eu fiz e deu muita risada este ano.

(Participação especial de Carlos Nobre, humorista do Jornal Zero Hora)

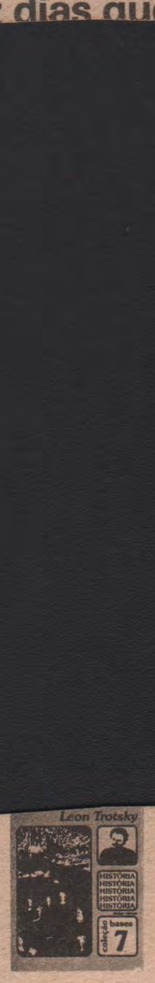


Os dez dias que abalaram o mundo,

de que modo teve início o processo de acumulação do capital. Cr$ 50,00.

A4 MARTA HARNECKER
"O CAPITAL — CONCEITOS FUNDAMENTAIS"
A autora assinala com grande precisão a validade teórica atual de "O Capital" e propõe um rigoroso plano de leitura destinado àqueles que se iniciam no seu estudo. Cr$ 80,00.

MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA
LAPIDUS E OSTROVITIANOV









ganização e a estratégia utilizados na Revolução de Outubro. Cr$ 50,00

A8 WILHELM REICH
"PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXYUAL". Cr$ 140,00.

A9 LENIN
"AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUITIVAS DO MARXISMO". Cr$ 50,00.

A10 STALIN
"MATERIALISMO DIALÉTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO". Cr$ 40,00.

Faça já seu pedido. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal.
Preencha o cupom abaixo.

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

A1.... A2.... A3... A4.... A5.... A6.... A7.... A8.... A9.... A10....
NOME: .....
RUA: .. BAIRRO: .....
CIDADE: ..... CEP: ..... ESTADO: .....

Global Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Comendador Coruja, 372
90.000 — Porto Alegre — RS

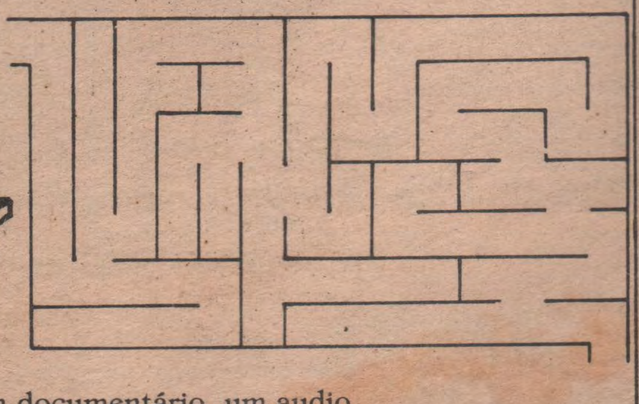
..... ASSINATURA

Ponha logo no correio

* Não cobramos despesas de remessa.

O CAMINHO DA QUALIDADE.

Nova Forma

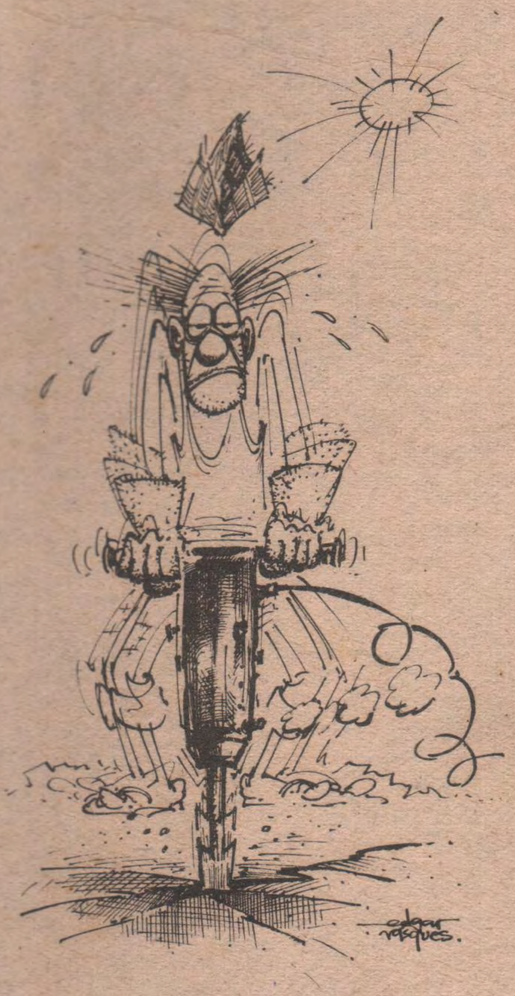


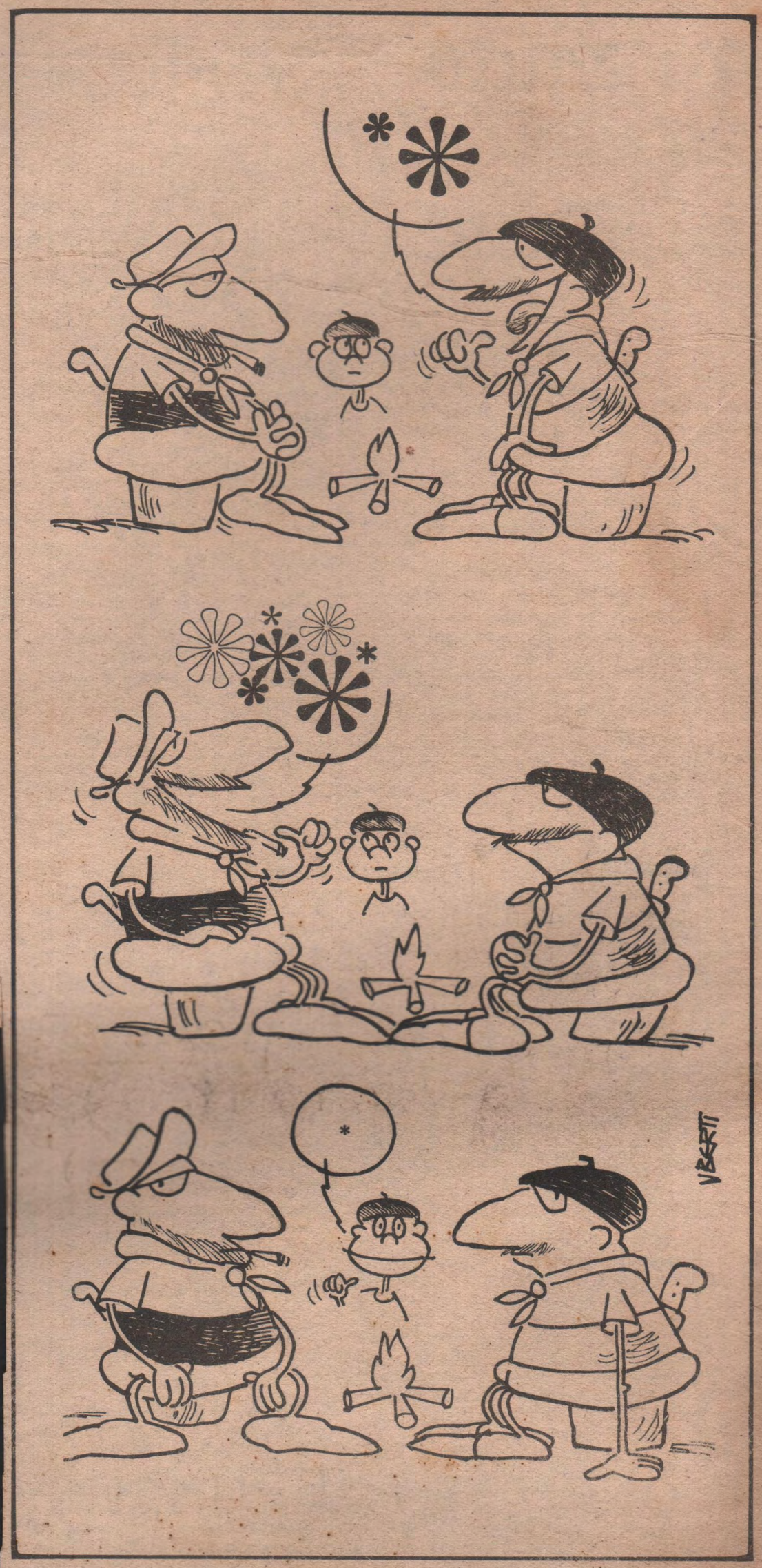
Quando você precisar de um documentário, um audio visual ou um comercial para TV, não se perca por aí. Siga pelo caminho da qualidade. Você vai encontrar a certeza de um trabalho feito por quem entende, na hora que você precisa.



textor
PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS E AUDIO VISUAL
Rua Artigas 178 - Sala 312,
fone: 31-4530, P. Alegre


LA PUCHA! É MUITA CHACOALHADA PRÁ POUCO DINHEIRO! VOU M'EMBORA PRÁ CIDADE!




VBERTI

TCHÊ

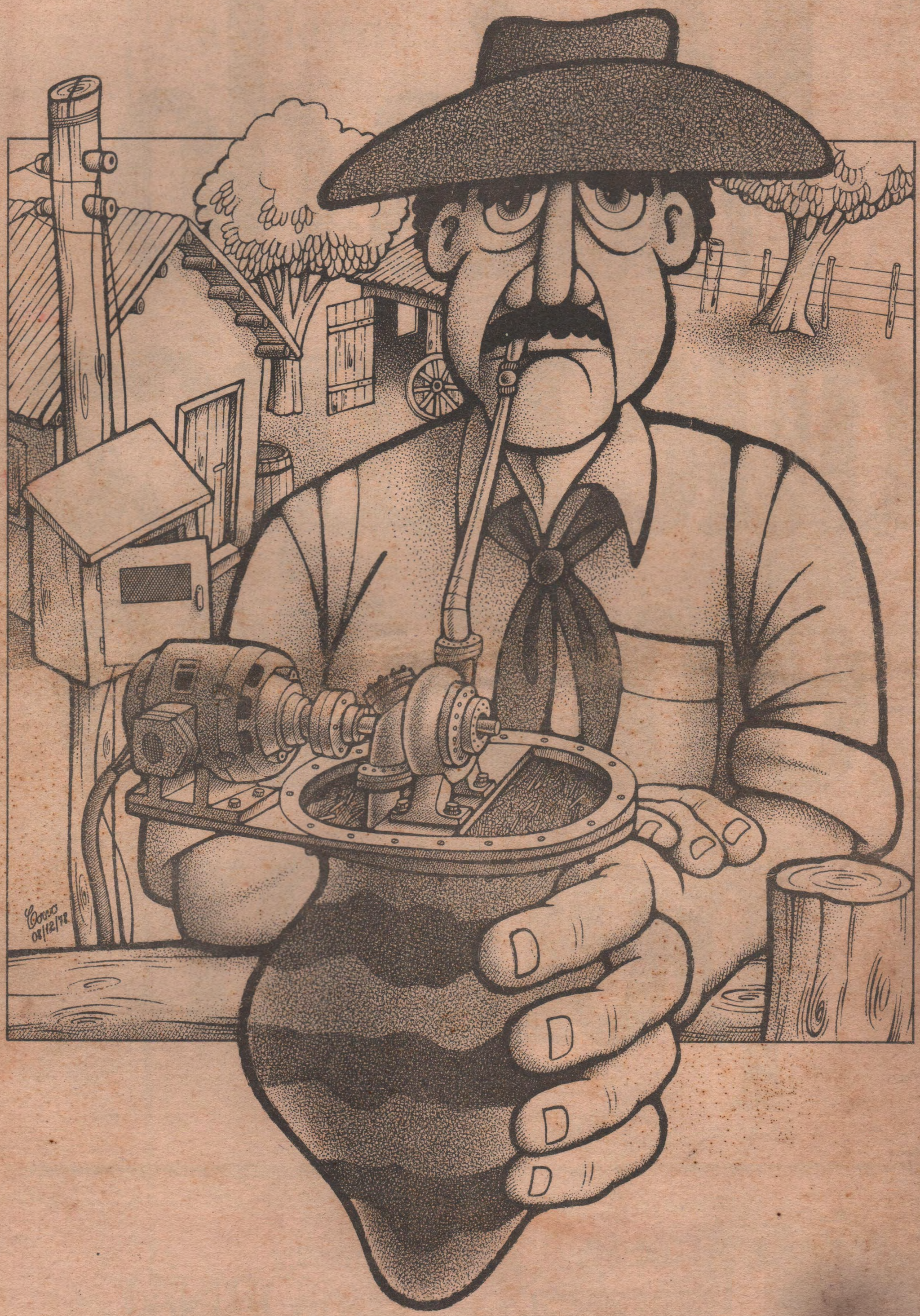
BETO


ELE DETESTA AS MULTINACIONAIS!
GOODYEAR
Beto

Mais do que nunca é preciso pensar.

Arme-se.
Use a cabeça.

Leia e assine
cooJORNAL


Cosso
08/12/78